



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS**

SAMILA DE CÁSSIA DA SILVA SANTOS

**GRAFIAS ETIMOLÓGICAS EM MANUSCRITOS BAIANOS DOS
SÉCULOS XIX E XX: CRITÉRIO PARA IDENTIFICAÇÃO DO NÍVEL
DE HABILIDADE DO REDATOR**

SAMILA DE CÁSSIA DA SILVA SANTOS

**GRAFIAS ETIMOLÓGICAS EM MANUSCRITOS BAIANOS DOS
SÉCULOS XIX E XX: CRITÉRIO PARA IDENTIFICAÇÃO DO NÍVEL
DE HABILIDADE DO REDATOR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Profa. Dra. Huda da Silva Santiago

Feira de Santana-Ba
2023

Ficha Catalográfica – Biblioteca Central Julieta Carteado

Santos, Samila de Cássia da Silva
S233 Grafias etimológicas em manuscritos baianos dos séculos XIX e XX: critério para identificação do nível de habilidade do redator / Samila de Cassia da Silva Santos. – Feira de Santana, 2023.

91 f.: il.

Orientadora: Huda da Silva Santiago
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2023.

1. Sociolinguística histórica 2. Grafias etimológicas (séc. XIX e XX). 3. Cultura escrita - História. I. Santiago, Huda da Silva, orient. II. Universidade Estadual de Feira de Santana. III. Título.

CDU: 80:30

Tatiane Souza Santos: Bibliotecária CRB5/1634

TERMO DE APROVAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO


GRAFIAS ETIMOLÓGICAS EM MANUSCRITOS BAIANOS DOS SÉCULOS XIX E XX: CRITÉRIO PARA IDENTIFICAÇÃO DO NÍVEL DE HABILIDADE DO REDATOR

SAMILA DE CÁSSIA DA SILVA SANTOS

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, área de concentração Linguagem e Sociedade, Linha de Pesquisa Variação e Mudança Linguística no Português, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Aprovada em 29/03/2023.

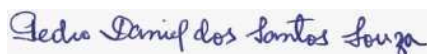
BANCA EXAMINADORA:



Huda da Silva Santiago
Universidade Estadual de Feira de Santana
Orientadora



Natal Almeida Simões Neto
Universidade Estadual de Feira de Santana
Examinador Interno



Pedro Daniel dos Santos Souza
Universidade do Estado da Bahia
Examinador Externo

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me sustentado em todos os momentos da minha vida. Por sua infinita bondade, pela força, pela vida. “Pois Dele, por Ele e para Ele são todas as coisas.”

À minha orientadora, professora Dra. Huda da Silva Santiago, pelo exemplo. Para além de sua competência, profissionalismo e seriedade no fazer científico, por ter acreditado em meu trabalho e em mim, pelo incentivo, pelas orientações dadas, pela generosidade, compreensão e humildade. Também vou me lembrar dos puxões de orelha, sempre necessários, e dos elogios. Receber cada seção lida e comentada era sempre momento de grande expectativa, e a senhora tinha a palavra certa para cada detalhe.

Aos professores Dr. Pedro Daniel dos Santos Souza e Natival Almeida Simões Neto, pelas valiosas contribuições dadas ao meu trabalho durante o exame de qualificação. Pela generosidade, gentileza e pela disponibilidade em participar da banca de defesa.

Às professoras Josenilce Rodrigues de Oliveira Barreto e Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz, por terem me apresentado o universo da pesquisa e da Linguística na Iniciação Científica, meu agradecimento especial.

Ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana: coordenadores, professores, colegas e funcionários.

Aos familiares e amigos, pelo carinho e torcida. Em especial, os meus pais, José Wilson e Selma, ao meu marido Reinan, ao meu irmão Júnior, às minhas avós Zulmira e Teresinha e a minha tia Rosane.

À CAPES, pelo apoio financeiro a esta pesquisa.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo descrever as grafias etimológicas e pseudoetimológicas em cartas pessoais dos séculos XIX e XX, o que pode colaborar para a caracterização do nível de familiaridade dos escreventes com a habilidade da escrita. A verificação das taxas de erros e de acertos é um método capaz de contribuir para identificação de seus perfis e, mais especificamente, dos seus níveis de letramento. Foi calculado o uso de etimologias, como marca de uma norma culta escrita, através da metodologia proposta por Barbosa (2006) e Barbosa e Lima (2019), em documentos dos acervos Cartas particulares do Recôncavo da Bahia, Cartas para Severino Vieira, Cartas do Acervo Dr. João da Costa Pinto Victória e Cartas em Sisal. Este trabalho apresenta uma proposta, portanto, ainda pouco estudada na perspectiva do trabalho de constituição de *corpora*, no âmbito da Sociolinguística Histórica e da História Social da Cultura Escrita, campos que dialogam entre si. Os resultados da análise demonstram índices baixos de etimologização gráfica, assim como, de modo geral, poucos casos de pseudoetimologizações, uma vez que a maior parte dos escreventes estava inserida em redes de práticas de escrita da época.

Palavras-chave: Sociolinguística Histórica. Grafias etimológicas e pseudoetimológicas. Cartas pessoais.

ABSTRACT

This study aims to describe the etymological and pseudo-etymological spellings in personal letters of the 19th and 20th centuries, which can collaborate with the characterization of the familiarity level of the writers with the skill of writing. The analysis of the rate of errors and hits is a method that can contribute with the identification of the writers profiles, and more specifically, of their levels of literacy. The use of etymologies, as a mark of a high writing standards, has been calculated through the methodology proposed by Barbosa (2006) and Barbosa and Lima (2019), on documents from the collections: Private Letters from the Bahia Recôncavo, Letters to Severino Vieira, Letters from the Collection Dr. João da Costa Pinto Victória and Letters in Sisal. This research presents a proposal, therefore, still not widely studied in the perspective of the constitution of corpora, inserted in the context of Historical Sociolinguistics and the Social History of Written Culture, fields that dialogue with each other. The results of the analysis show low rates of graphic etymologization, as well as, in general, few cases of pseudo-etymologizations, since most of the writers were part of writing practices networks of their time.

Keywords: Historical Sociolinguistics. Etymological and pseudo-etymological spellings. Personal and private letters.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Exemplo do acervo Cartas para Severino Vieira, com a presença de escrita Etimologizante	45
Quadro 1 – Exemplos de etimologizações nas <i>Cartas particulares do Recôncavo da Bahia</i> , disponíveis no CE-DOHS	37
Quadro 2– Exemplos de etimologizações nas <i>Cartas do Recôncavo</i> disponíveis na tese de Lobo (2001)	40
Quadro 3 – Uso das formas etimologizadas por escrevente nas <i>Cartas do Recôncavo</i> disponíveis apenas na tese de Lobo (2001)	43
Quadro 4– Exemplos de etimologizações nas <i>Cartas para Severino Vieira</i>	47
Quadro 5– Exemplos de etimologizações nas <i>Cartas do Acervo Dr. João da Costa Pinto Victória</i> (1911-1958)	52
Quadro 6 – Perfil de habilidade dos escreventes, de acordo com o uso de etimologizações	54

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –Uso das formas etimologizadas por escrevente em Cartas do Recôncavo	36
Tabela 2 –Uso das formas etimologizadas por escrevente em Cartas para Severino Vieira	46
Tabela 3– Uso das formas etimologizadas por escrevente no Acervo Dr. João da Costa Pinto Victória	51

LISTA DE SIGLAS

CE-DOHS – Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão

NELP – Núcleo de Estudos da Língua Portuguesa

PROHPOR – Programa para a História do Português

UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana

UFBA – Universidade Federal da Bahia

PB – Português Brasileiro

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 OS CAMPOS DA SOCIOLINGUÍSTICA HISTÓRICA E DA HISTÓRIA SOCIAL DA CULTURA ESCRITA	12
2.1 A SOCIOLINGUÍSTICA HISTÓRICA: O PROBLEMA DAS FONTES DE ESTUDO	12
2.2 O DIÁLOGO COM A HISTÓRIA SOCIAL DA CULTURA ESCRITA	20
2.3 SOBRE ESTABELEECER O PERFIL SOCIOLINGUÍSTICO DOS ESCRIVENTES DO PASSADO	24
2.3.1 Aspectos da ortografia do português: o princípio etimológico como critério para identificação do perfil sociolinguístico	26
3 ASPECTOS METODOLÓGICOS	32
3.1 CARACTERIZAÇÃO DOS <i>CORPORA</i>	33
4 AS GRAFIAS ETIMOLÓGICAS EM MANUSCRITOS BAIANOS DOS SÉCULOS XIX E XX	36
4.1 DADOS DO SÉCULO XIX	36
4.2 DADOS DO SÉCULO XX	45
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS	58
ANEXO A – INFORMAÇÕES SOBRE O ACERVO: <i>CARTAS PARTICULARES DO RECÔNCAVO DA BAHIA</i> (1818-1886)	62
ANEXO B – INFORMAÇÕES SOBRE O ACERVO: <i>CARTAS PARA SEVERINO VIEIRA, GOVERNADOR DA BAHIA</i> (1901-1902)	65
ANEXO C – INFORMAÇÕES SOBRE O ACERVO <i>CARTAS DO ACERVO DR. JOÃO DA COSTA PINTO VICTÓRIA</i> (1911-1958)	74
ANEXO D – INFORMAÇÕES SOBRE O ACERVO <i>CARTAS EM SISAL</i> (1906-2000)	81

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho, o objetivo é descrever as grafias etimológicas e pseudoetimológicas presentes em manuscritos baianos dos séculos XIX e XX, com o intuito de colaborar na identificação dos índices de habilidade com a escrita, por parte dos escreventes desse período. Os *corpora* desta pesquisa serão constituídos por cartas que estão localizadas nos seguintes acervos: *Cartas particulares do Recôncavo da Bahia* (séc XIX), *Cartas para Severino Vieira* (séc. XX), *Acervo Dr. João da Costa Pinto Victória* (séc. XX) e *Cartas em Sisal* (séc. XX). Ainda que a maior parte dos documentos tenha sido escrita no século XX, quando já começa a haver uma maior normatização gráfica, há ainda o uso de grafias etimológicas, principalmente nas cartas do início deste século. São acervos disponibilizados através do projeto *Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão* (CE-DOHS), vinculado ao Núcleo de Estudos da Língua Portuguesa, da Universidade Estadual de Feira de Santana (NELP/UEFS), coordenado pelas professoras Zenaide de Oliveira Novais Carneiro e Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda (cf. <http://www5.uefs.br/cedohs/>).

Esta é uma tentativa de levantar indícios, pistas do grau de letramento, do perfil do escrevente, conforme propôs Barbosa (2006), através do estudo das grafias etimológicas (latinizações) e pseudoetimológicas (falsas latinizações), no campo da Sociolinguística Histórica e da História Social da Cultura Escrita. Esse autor afirmou que a utilização de etimologizações seria um marcador de língua culta escrita para a época, o século XIX, e desenvolveu a ideia de que, quanto mais o escrevente usasse etimologizações, mais habilidade com a escrita teria, ou seja, considera o princípio etimológico como um valor de prestígio para o período. Trata-se de verificar os *erros* e *acertos* dos redatores como método para contribuir com a identificação de seu perfil, de seu grau de contato com textos lidos, a relação entre o universo da cultura escrita e os sinais gráficos deixados pelos escreventes. A proposta foi mais bem detalhada em estudo mais recente, de Barbosa e Lima (2019).

Para o trabalho da Sociolinguística Histórica, reconhecer quais eram os perfis dos escreventes do passado não tem sido uma tarefa fácil, principalmente quando não são pessoas ilustres da sociedade. Quando os *corpora* são constituídos por textos como cartas pessoais, em que os remetentes utilizam uma linguagem mais informal, há pistas para identificação desses perfis nas próprias marcas da escrita. Há várias possibilidades, por exemplo, de critérios para a identificação do nível de inabilidade/habilidade com a escrita dos redatores (BARBOSA, 2017; SANTIAGO, 2019), através de investigações em torno das práticas da

cultura escrita de uma determinada época. A depender do período histórico, marcas específicas podem ser consideradas. Segundo Barbosa (2017) e Santiago (2019), é possível caracterizar a habilidade de um escrevente, sua familiaridade com a escrita, baseando-se na observação de aspectos físico-gráficos, gráficos e grafofonéticos.

Dentre as possibilidades, as etimologizações constituem um dos critérios para a identificação do perfil de redator, principalmente para o século XIX, quando a prática da escrita etimológica era uma marca de prestígio, como afirmam Barbosa e Lima (2019). Se um leitor tem contato com textos modelares de sua época, como aqueles veiculados em jornais, tende a reproduzir o padrão de escrita desses textos, mesmo sem estudo sistemático de ortografia na escola. Em contrapartida, mesmo que a pessoa seja alfabetizada, por exemplo, no século XIX, se somente lê cartas de familiares, sua grafiação não refletirá a grafia latinizada dos jornais, como apontam Barbosa e Lima (2019).

Nesse sentido, esta pesquisa está articulada à problemática que leva aos seguintes questionamentos: quais grafias etimológicas e/ou pseudoetimológicas podem ser identificadas em cartas baianas dos séculos XIX e XX? Como é possível identificar indícios do perfil do escrevente a partir da presença ou não de grafias etimologizantes ou pseudoetimologizantes? Para buscar respostas a esses questionamentos, serão utilizados os critérios de Barbosa (2006) e de Barbosa e Lima (2019), os quais afirmam que a utilização de latinizações era um marcador de língua culta escrita para a época, com a ideia de que, quanto mais o escrevente usasse etimologias, mais habilidades com a escrita teria.

A seguir, na seção 2, a fundamentação teórica, intitulada *Os campos da Sociolinguística Histórica e da História Social da Cultura Escrita*. Trata-se, em 2.1, brevemente, dos desafios da Sociolinguística Histórica, como área de estudo; em 2.2, discute-se sobre o diálogo com a História Social da Cultura Escrita e em 2.3, sobre como, através desse diálogo, é possível estabelecer o perfil sociolinguístico dos escreventes do passado, detalhada em 2.3.1, em que se discute sobre o princípio etimológico como critério para identificação do perfil sociolinguístico.

A seção 3 é dedicada à apresentação dos aspectos metodológicos do trabalho, com detalhamento dos *corpora* utilizados, em 3.1. Em seguida, na seção 4, apresentam-se, através de tabelas e quadros, os resultados da análise, divididos em duas partes, os dados do século XIX, na subseção 3.1, e os dados do século XX, em 3.2. Por fim, constam as *Considerações Finais* do estudo e os Anexos A, B, C, D com informações extralinguísticas acerca dos acervos.

2 OS CAMPOS DA SOCIOLINGUÍSTICA HISTÓRICA E DA HISTÓRIA SOCIAL DA CULTURA ESCRITA

Esta pesquisa se insere no campo da Sociolinguística Histórica (CONDE SILVESTRE, 2007; ROMAINE, 1982), por assumir como foco de estudo o enfrentamento a um dos seus desafios, que se refere à necessidade de melhor caracterização das fontes de estudo para a língua do passado, em diálogo com a História Social da Cultura Escrita. Trata-se, brevemente, acerca desse desafio da Sociolinguística Histórica; em seguida, sobre o diálogo com a História Social da Cultura Escrita e, por fim, sobre como estabelecer o perfil sociolinguístico dos escreventes do passado.

2.1 A SOCIOLINGUÍSTICA HISTÓRICA: O PROBLEMA DAS FONTES DE ESTUDO

Os documentos escritos são materiais empíricos necessários para o estudo da língua do passado, para isso, é necessário que aconteça a identificação de fontes escritas que reflitam possíveis marcas da oralidade. No entanto, em alguns gêneros textuais, a língua escrita tem como tendência ser mais conservadora e os documentos podem representar apenas uma parte da população que era letrada, e por isso, os dados podem ser questionáveis, no sentido de não serem tão representativos da língua de uma dada época. Então, é preciso bastante cuidado no tratamento dos *corpora* utilizados, torna-se importante observar as peculiaridades do material escrito e o contexto social. Levando em consideração o fato que não é possível acessar a fala das pessoas do passado, os documentos são uma ponte entre o pesquisador e o passado: “[...] é necessário a identificação de fontes escritas mais transparentes com índices que reflitam certos traços de oralidade” (BARBOSA, 2006, p. 765). Barbosa (2006) afirma, também, que este é um desafio metodológico para o trabalho com os materiais não literários reunidos em *corpora* diacrônicos.

Antes de comentar, mais especificamente, esses desafios da Sociolinguística Histórica, é relevante situar, de modo breve, o percurso dos estudos sociolinguísticos. A Sociolinguística se desenvolve a partir da década de 1960, com os trabalhos de William Labov, que estabeleceu uma teoria, um modelo de descrição e interpretação do fenômeno linguístico no contexto social, conhecida como Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação, a qual descreve o papel dos fatores sociais na diversidade linguística, relacionando fatores como idade, sexo, ocupação, origem étnica e atitude, entre outras variáveis sociais ao

comportamento linguístico. Esses princípios são apresentados na obra de Uriel Weinreich, William Labov e Marvin I. Herzog (2006 [1968]), *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*.

A Sociolinguística, portanto, é a área da Linguística que estuda a língua através de fatores que caracterizam a sua diversidade e heterogeneidade. Labov (2008) teve um papel decisivo na elaboração de um modelo de investigação que busca observar a influência de fatores sociais e linguísticos, considerando sua correlação à variação linguística. A Teoria da variação tem como um dos pressupostos teóricos que pregam que toda mudança pressupõe uma variação. Apresenta uma concepção de língua como sistema socialmente determinado, heterogêneo, relacionado às alterações dos padrões culturais e ideológicos da comunidade. A mudança também pode ser determinada pelas relações sócio-políticas e ideológicas que se estabelecem dentro da comunidade.

A visão mostrou a percepção de que existem diferentes formas de utilizar a mesma língua, o que varia de acordo com os falantes e grupos sociais. De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), a variação é inerente ao sistema linguístico, ou seja, todo falante, já no nível de seu idioleto, apresenta domínio de estruturas heterogêneas. A variação linguística ocorre no nível individual e assim, o idioleto é um tipo de variação individual, mas há variações que são representativas de toda comunidade. Para os sociolinguistas, nas falas, frequentemente, vão existir formas linguísticas em variação, quando duas formas são usadas ao mesmo tempo.

Labov (2008) afirma que por vários anos, resistiu “[...] ao termo sociolinguística, já que ele implica que pode haver uma teoria ou prática linguística bem-sucedida que não é social”, mostrando-se incomodado com a titulação. Segundo ele a língua é “língua tal como usada na vida diária por membros da ordem social, veículo de comunicação com que as pessoas discutem com seus cônjuges, brincam com seus amigos e ludibriam seus inimigos.” (LABOV, 2008, p. 13). Assim, percebe-se que é uma área que estuda a língua em uso, pois considera as relações entre a estrutura linguística e os aspectos culturais e sociais. A língua é considerada uma instituição social e, por isso, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma.

Segundo Weinreich, Labov e Herzog ([1968] 2006), a língua é, portanto, um sistema heterogêneo e ordenado, pois remete ao princípio de que a heterogeneidade não interfere ou compromete o funcionamento da língua, e sim o contrário, ou seja, se a língua fosse um sistema homogêneo e invariável é que poderia ser disfuncional em uma comunidade de fala culturalmente diversificada. Nessa perspectiva, não existe falante de estilo único, dessa forma,

a língua apresenta muitas variações que ocorrem de forma ordenada, todo e qualquer indivíduo varia a sua maneira de falar, independentemente de seu grau de escolaridade, classe social ou faixa etária (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1968]).

Essa teoria pode ser aplicada na perspectiva histórica. Suzanne Romaine (2009 [1982]), foi uma das precursoras da Sociolinguística Histórica, ao propor a união dos métodos de análise da Sociolinguística Variacionista com os da Linguística Histórica para investigar fenômenos linguísticos no passado. Assim, através dessa proposta de investigação, tornou-se possível estudar processos de variação e mudança em uma determinada época em que não era possível a gravação de fala.

Nesse sentido, as pesquisas desenvolvidas sob o viés da Sociolinguística Histórica têm contribuído de forma significativa para o enriquecimento dos estudos linguístico-históricos no Brasil e no mundo, permitindo uma confiança maior nos resultados das análises. Através da Sociolinguística Histórica, tem sido possível demonstrar que a língua escrita também pode ser considerada como fonte de dados, assim como a língua falada, porque ambas são apenas formas diferentes de representar a mesma língua. É o estudo dos fenômenos linguísticos do passado através dos registros escritos, visto que, em épocas remotas, o único registro de dados que existe é esse.

No âmbito dos estudos sociolinguísticos de orientação laboviana, a identificação de categorias sociais como gênero, idade, região e grau de escolaridade dos informantes se justifica em função da relação estabelecida entre o aspecto social e o linguístico. O agrupamento dessas categorias constitui, assim, o perfil sociocultural dos agentes. Mas, para o passado, não se sabe o que era ser “culto/erudito”, e o que se entende como texto mais formal, poderia ser, para a época, informalidade ou vice-versa. Então, a Sociolinguística Histórica apresenta como desafios a busca por produções escritas mais espontâneas, e a dificuldade em investigar o perfil do escrevente e o contexto social em que está inserido. Segundo Conde Silvestre (2007), os dados linguísticos do passado poderiam ser insatisfatórios para a investigação empírica por vários motivos. Primeiro, porque se tem considerado o modelo escrito, em segundo lugar, porque os textos do passado muitas vezes são fragmentos de *corpus* textuais que sobreviveram de forma ocasional. De modo geral, todos os registros escritos são variedades do passado de línguas que estão representados no conjunto de textos que conservam a própria diversidade dos dados de períodos variados. Para Conde-Silvestre (2007, p. 48), a informática tem ajudado, através da Linguística de Corpus, a organizar os

textos do passado usando ferramentas adequadas: “[...] ayuda, en parte, a resolver el problema del aislamiento y el carácter fragmentario de los materiales históricos”.¹

Mattos e Silva (2004), em seus trabalhos sobre a sócio-história do português brasileiro, alerta sobre esses desafios ao destacar a necessidade de se estudar os processos linguísticos e socioculturais que contribuíram com a sua formação e apresenta algumas ideias para essa tarefa. A pesquisadora propõe quatro campos de pesquisa: a reconstrução da história social e linguística do Brasil, a reconstrução de uma sociolinguística histórica, a reconstrução diacrônica no interior das estruturas da língua portuguesa, a comparação entre o português europeu e o brasileiro:

Para recuperar uma história do português brasileiro, teremos de reconstruir uma história social linguística do Brasil: uma sociolinguística histórica ou sócio-histórica linguística e uma história linguística, ou seja, as mudanças linguísticas que fizeram e fazem o português brasileiro ter as características que tem, o seu perfil próprio, a sua gramática. (MATTOS E SILVA, 2004, p. 59).

Diversos trabalhos têm sido desenvolvidos, com contribuições importantes, no âmbito da Sociolinguística Histórica, a partir da proposta de Mattos e Silva (2004), no sentido também já proposto por Romaine (2009[1982]), Conde Silvestre (2007) e outros.

No artigo *Sociolinguística Histórica*, Eliane da Rosa (2015) afirma que Romaine (2009[1982]) conseguiu demonstrar que é possível investigar os processos de variação e mudança em amostras de língua escrita por meio dos métodos de análise variacionista, ao estudar os processos de variação do marcador relativo no escocês médio. Para Romaine (2009[1982]), a língua escrita deve ser tratada como fonte de dados da mesma forma que a língua falada, pois ambas são apenas formas diferentes de representar a mesma língua. Antes do desenvolvimento dos estudos sociolinguísticos, a língua escrita já servia como objeto de estudo para aqueles que buscavam explicar fenômenos linguísticos de variação e mudança do passado. No início do século XIX, por exemplo, foi a partir da escrita que se obteve informações a respeito dos estágios evolutivos das línguas.

Assim, a Sociolinguística não tem o privilégio exclusivo do estudo da variação, porque a Linguística Histórica e a Dialetoлогия também se interessam por esse estudo, considerando o tempo e o espaço, há muito mais tempo do que a Sociolinguística. A autora defende ainda que a Sociolinguística deveria ser testada com novos e diferentes tipos de dados. Isto quer dizer que o estudo sociolinguístico não deveria desenvolver pesquisas baseadas somente em

¹ “[...] ayuda, en parte, a resolver el problema del aislamiento y el carácter fragmentario de los materiales históricos”. (Tradução nossa).

amostras de língua falada, porque a variação também ocorre na língua escrita, portanto esta, do mesmo modo, deveria ser considerada como fonte de dados (ROSA, 2015). A partir da proposta de Romaine (2009[1982]), as pesquisas de cunho histórico no âmbito de estudos sobre a variação linguística, voltaram a fazer parte do contexto acadêmico, auxiliando os pesquisadores, que investigam fenômenos no presente, a entender a atuação e a propagação de determinados processos linguísticos desde os tempos mais remotos.

Anyone can observe that two samples of speech or writing are different. Sociolinguistic analysis can show us that these differences are objectively measurable, and that there are patterns in the choices which a speaker/writer does make, on the one hand, and can make, on the other. Since the choices are not entirely free, we need to observe the conditions or factors that may influence them; and it is here that sociolinguistic methodology is applicable. (ROMAINE, 2009, p. 13)²

Para a autora, a língua escrita deve ser tratada como fonte de dados da mesma forma que a língua falada. Rosa (2015) afirma que, ao pesquisar fenômenos linguísticos em textos antigos, Romaine notou que os registros escritos também apresentavam indícios de variação linguística da mesma maneira que a língua falada apresenta. Com base nessas observações, a linguista propôs a investigação de processos de variação e mudança linguística no passado com a utilização dos métodos de análise da Sociolinguística Variacionista.

Um importante princípio, considerado pela Sociolinguística Histórica, trata-se do *Princípio do Uniformitarismo*. Formulado pela ciência geológica, no século XIX, é o princípio que afirma que os fenômenos naturais que atuaram no passado são os mesmos que atuam, de maneira uniforme, até a atualidade. Partindo da observação de que a língua do presente é variável e que os processos de variação e mudança ocorrem de forma estruturada em correlação com variáveis independentes, não há razão para não se supor que a realidade linguística do passado passou por esses estágios de modo ordenado e sistemático.

Para isso, a Sociolinguística Histórica estabelece diálogos também com outros campos, como a Filologia, a Paleografia, a Dialectologia e a História Social da Cultura Escrita, esta última, comentada na próxima subseção.

Conde Silvestre (2007) afirma que a Linguística Histórica procura construir uma teoria global para explicar a natureza da mudança que tem ocorrido no tempo, ocupando-se tanto dos fundamentos gerais e históricos da mudança, quanto da compreensão e da explicação dos

² “Qualquer um pode observar que duas amostras de fala ou escrita são diferentes. A análise sociolinguística pode nos mostrar que essas diferenças são objetivamente mensuráveis e que existem padrões nas escolhas que um falante/ escritor faz, por um lado, e pode fazer, por outro. Como as escolhas não são inteiramente livres, precisamos observar as condições ou fatores que podem influenciá-las, e é aqui que se aplica a metodologia sociolinguística.” (Tradução nossa).

procedimentos de mudança concretos a partir das correlações entre os fatores linguísticos e sociais. Segundo esse autor, através dos materiais escritos que resistiram ao tempo, a Sociolinguística Histórica tem desenvolvido fundamentos e ferramentas que ajudam a solucionar as fragilidades dos materiais históricos, como, por exemplo, o já mencionado *princípio da uniformidade* linguística:

[...] ha desarrollado fundamentos y herramientas que le ayudan a solventar la debilidad de los materiales históricos (lingüísticos y extralingüísticos), tales como el principio de la uniformidad lingüística, o la aplicación histórica de las fructíferas relaciones entre los continuos estilístico y sociolectal, verificadas con éxito em la investigación sincrónica. (CONDE SILVESTRE, 2007, p. 13-14).³

Assim, juntamente com o interesse pela história social, os pesquisadores buscam estudar sem anacronismos as circunstâncias sociais que podem ter afetado a variação e a mudança (CONDE SILVESTRE, 2007). De acordo com Conde Silvestre (2007), ao reconstruir o contexto social, o pesquisador não deve olhar o modelo social da época com as lentes do modelo social atual, e sim, considerar os aspectos históricos e sociais importantes, como os papéis sociais, as relações familiares.

O anacronismo consiste em utilizar os conceitos e ideias de uma época para analisar os fatos de um outro tempo, e deve ser evitado nas pesquisas, pois é um risco, um equívoco, tentar avaliar um período histórico através de valores que são de uma outra época. Trata-se então, de um erro cronológico, expressado na falta de consonância com a época, ocorrendo uma justaposição de pessoas, eventos, objetos, ou costumes a partir de diferentes períodos.

De acordo com Conde Silvestre (2007), os problemas do material linguístico e social dispostos ao investigador fazem com que este deva projetar para o passado os resultados de investigações atuais, sua compreensão dos fatos linguísticos do passado deriva, principalmente, da observação do presente, de maneira que, analisando as relações entre variação ou mudança linguística e contexto social que se dão na atualidade, pode-se entender, de forma razoável, o que ocorreu na história da língua. É a difícil tarefa do investigador de fazer melhor uso possível dos poucos dados. Ou seja, os dados linguísticos parecem insatisfatórios para a investigação empírica por vários motivos. Primeiro, porque foram preservados no meio escrito em períodos históricos quando não havia meios técnicos para gravação e reprodução de voz. Segundo, os textos do passado são “restos” textuais que têm

³ Tem desenvolvido fundamentos e ferramentas que ajudam a solucionar as fragilidades dos materiais históricos (linguísticos e extralinguísticos), tais como o princípio da uniformidade linguística ou a aplicação histórica das relações frutíferas entre os continuos estilístico e sociolectal, verificadas com êxito na investigação sincrónica. (Tradução nossa).

sobrevivido de caráter fragmentário, diferente do que ocorre com os dados disponíveis para o investigador que trabalha com a língua do presente:

Los problemas del material lingüístico y social a disposicion del investigador hacen que este deba proyectar hacia el pasado los resultados de investigaciones actuales; su comprensión de los hechos lingüísticos del pasado deriva principalmente de la observación del presente, de manera que, analizando las relaciones entre variación o cambio lingüístico contexto social que se dan en la actualidad – para lo cual cuenta con datos fiables, auténticos y abundantes – podría entender de forma razonable lo que ocurrió en la historia de la lengua.⁴ (CONDE SILVESTRE, 2007, p.40)

Muitos desses estudos na perspectiva histórica vêm sendo realizados no Brasil. Além de diversos trabalhos no âmbito do *Programa para a História da Língua Portuguesa* (PROHPOR/UFBA), fundado por Rosa Virgínia Mattos e Silva, há, por exemplo, contribuições em Barbosa (2006), Lopes e Rumeu (2018), Berlinck, Barbosa e Marine (2008), dentre muitos outros. Alguns trabalhos, como estes últimos, contribuem para enfrentar o desafio da constituição de *corpora*. Este, também, é o principal desafio dos estudos desenvolvidos através do projeto *Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão* (CE-DOHS), plataforma que apresenta uma base documental, para estudo do português brasileiro (PB), no âmbito da Linguística Histórica e da Linguística Diacrônica, e das demais disciplinas da Linguística, bem como de outras áreas do conhecimento.

De acordo com Rosa (2015), Montgomery (1995), sobre essa questão da constituição de *corpora*, afirma que o pesquisador deve levar em consideração algumas questões, destacando as dimensões textuais, temporais, sociais, espaciais e de representatividade, conforme descritas a seguir:

a) dimensões textuais: o pesquisador deve verificar a natureza do registro escrito em si. Para isso, é preciso verificar que tipo de texto é, quão próximo da fala é o texto e qual é o estilo textual do manuscrito, porque os textos não são a representação simples e direta da fala. Em virtude disso, é necessário ter cautela quanto à sua validade para a investigação histórica. Por exemplo, no caso dos textos literários (peças, diálogos ficcionais etc.), estes podem apresentar variação exagerada e explorar estereótipos, dificultando, dessa forma, o trabalho do linguista em estabelecer a relação deles com os modelos da vida real.

⁴ Os problemas do material lingüístico e social de que dispõe o pesquisador fazem com que este deva projetar no passado os resultados das pesquisas atuais; sua compreensão dos fatos lingüísticos do passado deriva principalmente da observação do presente, de modo que, analisando as relações entre variação ou mudança lingüística no contexto social que ocorrem hoje – para o qual ele dispõe de dados confiáveis, autênticos e abundantes – poderia razoavelmente entender o que aconteceu na história da língua. (Tradução nossa).

b) dimensões temporais: o pesquisador deve buscar informações referentes à data em que o texto foi produzido e qual período da história da língua o texto representa. Neste caso, há uma grande vantagem em utilizar cartas, jornais etc., porque é possível obter a data e o local de origem. Já com textos literários (peças, poesias etc.), tem-se a desvantagem de ter apenas a data de publicação, pois o texto pode ter sido produzido muitos anos antes da publicação. Em consequência disso, torna-se difícil definir a que época pertence a língua retratada pelo autor.

c) dimensões sociais: o pesquisador deve tentar descobrir por quem o texto foi produzido, que informações pode obter sobre a vida daquele autor, e de quem a língua do texto representa. No que tange aos textos publicados, há grande desvantagem em precisar a identidade e o perfil social dos envolvidos (editor, impressor etc.) na produção do texto por serem, geralmente, desconhecidos. Ao passo que há grande vantagem ao lidar com manuscritos pessoais, como cartas e bilhetes, pois permitem, na maioria dos casos, delinear o perfil sociocultural daqueles que produziram estes textos. Neste caso, o linguista pode obter estas informações através dos próprios manuscritos desses autores ou por intermédio de arquivistas ou historiadores.

d) dimensões espaciais: o pesquisador precisa saber a que região aquele texto pertence; qual é a nacionalidade ou a região de origem do autor, e se o texto, ou melhor, a variedade da língua é localizável, isto é, se pelo sistema ortográfico daquele autor é possível definir de que região ele provém. Em tempos mais antigos, era comum saber, por meio da escrita, o local de onde provinha um indivíduo, pois cada lugar tinha sua própria característica gráfica em decorrência da falta de uniformização no sistema ortográfico das línguas.

e) dimensões de representatividade: o pesquisador precisa detectar de quantos indivíduos o texto provém, a que classe social esses indivíduos pertencem e quão generalizável são os padrões da língua que esses indivíduos evidenciam em sua escrita. Neste caso, a obtenção dessas informações dependerá da disponibilidade ou da sobrevivência dos manuscritos. Na maioria das vezes, o material que está à disposição da pesquisa histórica pode estar fragmentado, transcrito para uma linguagem atual, ter sofrido alterações gráficas ou, ainda, falsificações. Entretanto, estas dificuldades enfrentadas pelo pesquisador não impedem a execução do estudo.

Como diz Labov (1994), é preciso fazer o melhor uso desses *dados ruins*, pois os documentos históricos nem sempre sobrevivem por acaso, sem propósito, e a seleção que está disponível para pesquisa é o produto de uma série imprevisível de acidentes históricos. Segundo Jacques Le Goff (1990), o documento não é qualquer coisa que fica por conta do

passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa. O documento resulta de uma produção, consciente ou não da história de uma determinada época, produzida pela sociedade, que sobrevivem a outras épocas. Romaine (2009) também afirma que, apesar de ser fragmentado e incompleto, o dado histórico é válido para a investigação histórica.

Para Romaine (2009), os registros escritos são compostos de formas gráficas que podem estar sujeitas à interpretação linguística. Mesmo que o texto escrito não seja o reflexo simples e direto da fala, a escrita pode permitir a observação de traços gramaticais e de pronúncia, considerando-se sua regularidade e aproximação com evidências de outras fontes, como comentários linguísticos contemporâneos e registros de períodos anteriores ou posteriores.

Ao ter por foco o enfrentamento a esse desafio do campo, que se refere à necessidade de melhor caracterização das fontes de estudo para a língua do passado, de melhor aproximação ao perfil dos escreventes, desenvolve-se a interdisciplinaridade com a História Social da Cultura Escrita.

Tem-se por campo a Sociolinguística Histórica, pelo foco ao enfrentamento a um dos desafios desse campo, que se refere à necessidade de melhor caracterização das fontes de estudo para a língua do passado, de modo interdisciplinar com a História Social da Cultura Escrita. Tratou-se, brevemente, sobre um dos desafios da Sociolinguística Histórica, que se refere à busca por produções escritas mais espontâneas, além da investigação do perfil do autor e do contexto social em que está inserido.

2.2 O DIÁLOGO COM A HISTÓRIA SOCIAL DA CULTURA ESCRITA

A escrita é uma manifestação da cultura do homem, e os caminhos para compreendermos essa relação são vários, precisa-se considerar que a escola não é a única instância fundamental na inserção dos membros de uma determinada sociedade na cultura escrita, é necessário perceber que existem outras instâncias, o que apresenta a necessidade de usar fontes que foram relegadas e buscar a ampliação de métodos. Entende-se cultura escrita, portanto, como o lugar “simbólico e material que o escrito ocupa em/para determinado grupo

social, comunidade ou sociedade” (GALVÃO, 2010, p. 218). Vale ressaltar que cultura, escrita e história estão inteiramente interligadas, compondo uma importante tríade.

O campo da História Social da Cultura Escrita, para Castillo Gómez (2003), busca

[...] saber por qué razones se ha hecho uso de la escritura en cada momento y sociedad, conocer la distribución de las capacidades de escribir y de leer, las materialidades de lo escrito, y los distintos lugares, espacios y maneras en los que se ha experimentado su recepción, en fin, las prácticas de la escritura y de la lectura, es una forma de hacer historia cultural. Entendida así, la cultura escrita pone de manifiesto la rica gama de sus matices y se configura como un espacio de investigación abierto al diálogo interdisciplinar.⁵(CASTILLO GÓMEZ, 2003, p. 96).

Os estudos da História Social da Cultura Escrita, então, propõem abordagens que valorizem as práticas cotidianas, e que evidenciem as produções dos que estão à margem da sociedade, relegados da história oficial, excluídos. Valoriza-se o ponto de vista das pessoas comuns, anônimas, que não têm prestígio social (SANTIAGO, 2019). É o estudo das práticas sociais de escrever e de ler, reconhecendo a escrita como algo, que vai além do sistema gráfico, sobre as suas diferentes funções e práticas materiais, sempre em referência às respectivas sociedades históricas: “[...] teniendo en cuenta que em cada momento la sociedad ha estado formada por alfabetizados y analfabetos”⁶ (CASTILLO GÓMEZ, 2003, p. 96).

De acordo com Castillo Gómez e Carlos Sáez (1994), a história das práticas de escrita e de leitura consiste num desdobramento da história do livro, ligada aos historiadores dos *Annales*, que a incluíram entre os seus novos objetos de estudo. Segundo o paleógrafo italiano Armando Petrucci (1989), a História da Cultura Escrita pretende:

[...] parre in rilievo e a fare oggetto della propria indagine i rapporti intercorrenti in diverse situazioni storiche fra i sistemi di scrittura, le forme grafiche e i processi di produzione di testimonianze scritte da un lato, e le strutture socio-economiche delle società che elaborano, adoperano e manipolano tali prodotti culturali dall'altro. (PETRUCCI, 1991, p. 309).⁷

O método requer a análise dos testemunhos escritos, nas estruturas que definem as diferentes sociedades em que eles circulam, formadas sempre por pessoas alfabetizadas,

⁵ “[...] saber por quais motivos a escrita tem sido utilizada em cada momento e sociedade, conhecer a distribuição das habilidades de escrever e ler, as materialidades do que se escreve, e os diferentes lugares, espaços e formas como tem sido vivenciada a recepção, enfim as práticas de escrita e leitura, é uma forma de fazer história cultural. Assim entendida, a cultura escrita revela a rica gama de suas nuances e configura-se como um espaço de pesquisa aberto ao diálogo interdisciplinar”. (Tradução nossa).

⁶ “[...] tendo em conta que em cada momento a sociedade foi formada por alfabetizados e analfabetos”. (Tradução nossa).

⁷ “[...] pôr em relevo e converter em objeto de estudo as relações que se estabelecem, em diversas situações históricas, entre os sistemas de escrita, as formas gráficas e os processos de produção dos testemunhos escritos, por um lado, e as estruturas socioeconômicas das sociedades que elaboram, utilizam e manipulam estes produtos, por outro.” (Tradução nossa).

semialfabetizadas ou analfabetas, de distintas idades, gêneros, classes, etnias ou grupos sociais. Segundo Petrucci (2003, p. 7-8), os historiadores da cultura escrita devem ocupar-se da história da produção, as características formais e os usos sociais da escrita e dos testemunhos escritos em uma determinada sociedade, devendo responder, para qualquer tempo histórico, ao seguinte conjunto de questões:

- ¿Qué? En qué consiste el texto escrito, qué hace falta transferir al código gráfico habitual para nosotros, mediante la doble operación de lectura y transcripción.
- ¿Cuándo? Época en que el texto ensí fue escrito en el testimonio que estamos estudiando.
- ¿Dónde? Zona o lugar en que se llevó a cabo la obra de transcripción.
- ¿Cómo? Con qué técnicas, con qué instrumentos, sobre qué materiales, según qué modelos fue escrito ese texto.
- ¿Quién lo realizó? A qué ambiente sociocultural pertenecía el ejecutor y cuál era en su tiempo y ambiente la difusión social de la escritura.
- ¿Para qué fue escrito ese texto?Cuál era la finalidad específica de ese testimonio en particular y, además, cuál podía ser en su época y en su lugar de producción la finalidad ideológica y social de escribir.⁸

De acordo com essas questões elaboradas por Petrucci (2003), a que se dá ênfase neste trabalho, é a questão *quem?* Ou seja, a que meio sociocultural pertencia o executor, que tem relação com última questão, a *função social* da escrita em sua época e meio.

Barreiros (2017), mencionando Chartier (2001), considera que a cultura do escrito vai desde o livro ou o jornal impresso até a mais ordinária, a mais cotidiana das produções escritas, as notas feitas em um caderno, as cartas enviadas, o escrito para si mesmo etc. Uma história cultural do escrito abarca as diferentes práticas relacionadas aos meios de produção, circulação e apropriação dos textos por sujeitos sociais e historicamente constituídos.

Ainda de acordo com Barreiros (2017), a escrita é responsável pelo desenvolvimento de práticas sociais que se constituem como a essência das sociedades complexas, possibilitando o registro do cotidiano. Segundo esse pesquisador, observa-se que os objetivos da História Social da Cultura Escrita transcendem uma concepção de escrita como um mero sistema gráfico, ela adquire valor como categoria de análise histórica cujo estudo deve atender às consequências, sociais e culturais, derivadas da implantação e extensão do código escrito. Desse modo, a escrita passa a ser compreendida em suas diferentes funções e consequentes

⁸ “O quê? Em que consiste o texto escrito, o que precisa ser transferido para o código gráfico usual para nós, através da dupla operação de leitura e transcrição. Quando? Período em que o próprio texto foi escrito no depoimento que estamos estudando. Onde? Área ou local onde foi realizado o trabalho de transcrição. Quão? Com que técnicas, com que instrumentos, com que materiais, com que modelos aquele texto foi escrito. Quem fez isso? A que meio sociocultural pertencia o executor e qual era a função social da escrita em sua época e meio. Para que este texto foi escrito? Qual era o propósito específico daquele testemunho particular e, mais ainda, qual poderia ser o propósito ideológico e social da escrita em seu tempo e lugar de produção.” (Tradução nossa).

práticas materiais e usos, sempre em referência às respectivas sociedades históricas com suas peculiaridades.

Nesse sentido, Galvão (2010) afirma que, por meio da descrição minuciosa dos eventos e práticas sociais mediados por material escrito, é possível compreender o lugar que a escrita ocupa em determinada cultura. A autora propõe cinco vias, ou dimensões, para o estudo da cultura escrita em uma perspectiva histórica (GALVÃO, 2010, p. 221-223):

- I. a que se refere às instâncias ou instituições que ensinam ou possibilitam a circulação do escrito em certas épocas e em certos locais;
- II. fazer uma história dos objetos que lhe dão suporte;
- III. estudar os suportes por meio dos quais ela é difundida e ensinada;
- IV. focalizar os sujeitos que, em suas vivências cotidianas, constroem historicamente os lugares simbólicos e materiais que o escrito ocupa nos grupos e nas sociedades que os constituem (e que, ao mesmo tempo, ajudam a constituir);
- V. investigar os meios de produção e transmissão das múltiplas formas que o fenômeno assume.

São várias, portanto, as vias ou possibilidades para adentrar na História Social da Cultura Escrita. Na maioria das vezes, essas vias exigem um trabalho interdisciplinar. No processo de construção de *corpora* destinado aos estudos em Sociolinguística Histórica, como já mencionado, por exemplo, além da Filologia, é necessário dialogar com os pressupostos da História Social da Cultura Escrita, para garantir o controle do perfil sociolinguístico daqueles que escreveram os textos.

Na história da escrita no Brasil, após a chegada da família real portuguesa, ocorreu um avanço em vários sentidos, mas ainda assim havia poucos alfabetizados. Até o início do século XIX, no Brasil, era proibida a impressão, os capacitados para a leitura tinham, relativamente, pouco material impresso à sua disposição que lhe servisse de referência do modelo de cultura escrita. Assim, é difícil de saber o grau de difusão e de alcance social de determinadas obras impressas, o que acontecia era, no máximo, encontrar testemunhos registrados em papéis dispersos, vislumbrando alguns textos mais recorrentes nas bibliotecas dos homens letrados.

Segundo Villalta (2012[1997]), as bibliotecas privadas na colônia, do século XVI ao XIX, foram poucas, tendo a propriedade de livros se concentrado nas mãos de um reduzido número de pessoas e se limitado a uns poucos títulos, de cunho devocional. A partir de meados do século XVIII, houve, na América portuguesa, progressos em relação aos livros, mas nada conseguiu abalar fortemente a predominância da cultura oral.

No século XIX, os periódicos passaram a ser os principais meios de difusão dos valores e usos da cultura letrada, por meio deles, foi possível incrementar a difusão dos textos literários na sociedade. Naquele tempo, a imprensa foi o grande modo de circulação da norma culta objetiva por meio dos vários gêneros textuais que circulavam.

Sobre esse diálogo com a História Social da Cultura Escrita, no processo de construção de *corpora* é preciso garantir o controle do perfil sociolinguístico daqueles que escreveram os textos. A caracterização de *quem* escreveu é fundamental. Vários aspectos podem ser considerados no que se diz a respeito à identificação dos perfis sociolinguísticos dos escreventes de textos do passado. O critério considerado neste trabalho será a grafia etimológica (também chamada de latinização). A etimologização (latinização) significa investir o texto de erudição. Em manuscritos de redatores cultos, segundo Barbosa e Lima (2019), esses latinismos confirmam a aplicação do princípio oitocentista: latinizar é investir qualidade à escrita.

Um estudo que evidencia isso é o de Barbosa (2006), que investiu na construção de *corpora* impressos oitocentistas para realização da descrição e análise de aspectos desses textos. Foram realizados o levantamento, a transcrição e a edição de materiais literários e não literários, de jornais e folhetins, os quais serviram para identificação de taxas de uso e de acertos das etimologias latinizadas. Essa é uma das propostas de metodologia para identificação dos perfis de escreventes do passado, como será mais bem discutido na próxima subseção.

2.3 SOBRE ESTABELEECER O PERFIL SOCIOLINGUÍSTICO DOS ESCRIVENTES DO PASSADO

No processo de buscar respostas sobre *quem* escreveu os textos do passado, de acordo com Lopes e Rumeu (2018), para os escreventes conhecidos, é possível levantar, além de informações circunscritas ao próprio documento e da identificação de suas redes sociais e de escrita, informações arquivísticas e enciclopédicas. Assim, conforme Santiago, Lacerda, Brito e Carneiro (2021), na pesquisa, o pesquisador pode deparar-se com a reconstrução do perfil sociocultural de escreventes que são socialmente/historicamente *conhecidos* ou *desconhecidos*. Para os escreventes *desconhecidos*, as dificuldades para reconstituição do perfil sociocultural são maiores, pois nem sempre há informações completas e precisas.

Para o trabalho da Sociolinguística Histórica, reconhecer quais eram os perfis dos escreventes do passado não tem sido uma tarefa fácil, principalmente quando não são pessoas ilustres da sociedade, conhecidas, mas se trata de pessoas comuns. Quando os *corpora* são constituídos por textos em que os remetentes utilizam uma linguagem mais informal, como cartas pessoais, por exemplo, há pistas para identificação desses perfis nas próprias marcas da escrita. Há várias possibilidades, por exemplo, de critérios para a identificação do nível de inabilidade/habilidade com a escrita dos redatores (BARBOSA, 2017; SANTIAGO, 2019), através de investigações em torno das práticas sociais da cultura escrita de uma determinada época. A depender do período histórico, marcas específicas podem ser consideradas.

Enfim, vários aspectos podem ser considerados no que se diz a respeito à identificação dos perfis sociolinguísticos dos escreventes de textos do passado. Márcia Rumeu (2019), com o trabalho com a edição de textos antigos para a análise de fenômenos morfossintáticos do português, a principal dificuldade encontrada esteve voltada especificamente para a decifração do código escrito em suas versões manuscritas por distintos punhos brasileiros. Como as cartas pessoais oferecem subsídios para a interação linguística entre remetente e destinatário, a pesquisadora teve uma excelente fonte para a discussão de aspectos da norma de uso do português, voltados não só para a referência ao interlocutor, mas também para a análise de diversificados aspectos morfossintáticos.

Célia Lopes (2020) propõe buscar gêneros textuais mais espontâneos, como cartas, diários e peças teatrais e investigar o perfil sociocultural e estilístico do autor, reconstruindo o contexto social da época. Defende o uso de cartas pessoais como forma de recuperação do vernáculo do missivista, sua justificativa relaciona o tema íntimo ou espontâneo das cartas com suas informações externas, como local, data, além do trabalho com as tradições discursivas.

A seguir, discute-se acerca de uma das possibilidades que pode contribuir para reconhecimento dos perfis dos escreventes do passado, as etimologizações gráficas.

2.3.1 Aspectos da ortografia do português: o princípio etimológico como critério para identificação do perfil sociolinguístico

O estudo das grafias etimológicas (latinizações) e pseudoetimológicas (falsas latinizações), é uma dessas tentativas de levantar indícios, pistas, do grau de letramento, do perfil do escrevente, conforme propôs Barbosa (2006), no texto *Tratamento dos corpora de*

sincronias passadas da língua portuguesa no brasil: recortes grafológicos e lingüísticos e Barbosa e Lima (2019), no texto *O controle indireto de perfis sócio-históricos em corpora histórico-diacrônicos: a identificação de graus de letramento pela grafia etimológica do século XIX*. Nesses trabalhos, afirma-se que a utilização de etimologizações seria um marcador de língua culta escrita para a época, o século XIX, e desenvolveu-se a ideia de que, quanto mais o escrevente usasse etimologizações, mais habilidade com a escrita teria. Trata-se de verificar o erro e o acerto dos redatores como método para contribuir com a identificação de seu perfil, de seu grau de contato com os textos lidos, ou seja, a relação entre o universo da cultura escrita e os sinais gráficos deixados pelos escreventes.

O controle das etimologizações, segundo Barbosa (2006), pode ser aplicado principalmente para o século XIX, quando a prática da escrita etimológica era uma marca de prestígio, então, se um leitor tem contato com textos modelares de sua época, como jornais, ele tende a reproduzir o padrão de escrita desses textos, mesmo sem estudo sistemático de ortografia na escola. Em contrapartida, mesmo que a pessoa seja alfabetizada, por exemplo, no século XIX, se somente lê cartas de familiares, sua grafiação não refletirá a grafia latinizada dos jornais. Então, segundo o pesquisador:

1. Quanto mais encontrarmos grafias latinas em um autógrafo oitocentista, mais seu autor teria estado em contato com os meios de transmissão de modelos de erudição, sejam escolares, de norma subjetiva ou de norma objetiva;
2. Se, e somente se, o uso da grafia for significativo – em quantidade e variedade consideráveis – quanto mais o referido redator mantiver um paralelo perfeito entre a forma latina oficial e o que escreve, maior seria o grau de conhecimento da norma culta de sua época via estudo – particular, público ou religiosa (BARBOSA, 2006, p. 31).

De acordo com Barbosa (2006), o maior uso de etimologizações indicaria maior grau de inserção na cultura escrita, e maior acerto indicaria maior escolaridade. De acordo com Barbosa e Lima (2019), quando o leitor tem contato com textos, como, por exemplo, jornais de sua época, tem a tendência de reproduzir o padrão de escrita desses textos, mesmo não tendo contato com a escola. Mas, se a pessoa for alfabetizada e somente lê cartas de pessoas da sua família, não refletirá a grafia latinizada nos jornais. Quanto mais acesso a gêneros textuais no ambiente cultural dessa pessoa, e quanto maior o grau de aprendizado na escola, mais perto das normas estará a sua escrita (BARBOSA; LIMA, 2019).

Barbosa (2006) apresenta como *corpus* um conjunto de cartas, as “cartas dos avós”, material próximo da escrita cotidiana. O pesquisador reflete sobre a construção de um provável parâmetro de norma culta objetiva no século XIX, no Brasil, para depois propor a

descrição de um de seus aspectos gráficos. Após estabelecer o referencial oitocentista, apresenta sua aplicação ao conjunto de cartas pessoais da família Ottoni, redatores cultos em sua época, identificando a forma nominal gerúndio para verificar a distribuição de suas ocorrências consideradas mais e menos comuns na modalidade escrita. As cartas dos avós, um *corpus* representativo da norma de uso de dois informantes da terceira idade, do século XIX, fonte de escrita cotidiana constituída numa relação de afeto e dedicação que proporciona uma imagem menos difusa do estado linguístico do português brasileiro culto naquele período.

O segundo texto de Barbosa sobre essa questão, juntamente com Lima (BARBOSA; LIMA, 2019), apresenta um refinamento dos caminhos metodológicos que podem servir ao controle externo, o nível sócio-cultural relacionado aos redatores de *corpora* histórico-diacrônicos do português brasileiro, na busca pela escolaridade do redator, seu grau de erudição escrita, seu grau de letramento.

Em manuscritos de redatores hábeis em escrita, a presença de latinismos confirma a aplicação do princípio oitocentista: latinizar é investir qualidade à escrita (BARBOSA; LIMA, 2019). A seguir, seguem exemplos de grafias etimológicas na escrita de Rui Barbosa, um redator ilustre, erudito, extraído do trabalho de Barbosa e Lima (2019, p. 176):

[19, 2 CP RJ] Não **acceito** o indulto dos meus perseguidores, **daquelles** que forjaram a invenção falsa por vingança e dos que a **applaudiram**, ou **accetaram**, por **commodidade**, por **indiferença**, ou por inveja. Não de me fazer justiça algum dia e eu aguardo esse dia, não para triunfar como homem político, porque da política me considero, felizmente, despido, mas para poder respirar desafogado em minha pátria. (Grifo nosso) (Rui Barbosa-Cartas inéditas).

A ortografia do português utilizado no Brasil vem sempre se modificando através dos tempos. As reformas e acordos ortográficos serviram como ponto de conexão neste longo processo, em que sempre se estava em busca de uma uniformidade, a fim de não haver complexidades e divergências ortográficas tão extremas em uma mesma língua.

Carolina Grimm (2018), em trabalho de fim de curso da graduação, realizou um estudo sobre o uso de formas etimologizadas como critério de grau de cultura de redatores oitocentistas do português brasileiro e chegou às seguintes conclusões: levando em consideração que os mais hábeis, ou seja, os que mais utilizam etimologizações, erram certas grafias, supõe-se que essa taxa de acerto também vá diminuindo à medida que o uso diminui. No momento que ela percebeu isso não ocorrer justamente nos casos de pessoas com pouco material analisado, considerou essa a causa da discrepância. Grimm (2018) buscou aperfeiçoar o método de classificação objetiva de se aferir o grau de habilidade com a escrita dos redatores oitocentistas proposto por Barbosa (2006), e testar se o mesmo pode ser

utilizado em diferentes regiões do país. Para isso, calculou o uso de etimologias, como uma marca de uma norma culta escrita do século XIX, contrastado com sua taxa de acerto/erro, em cartas pessoais. O *corpus* analisado corresponde a cartas pessoais entre familiares de Júlio de Castilhos, e cartas encaminhadas para Cícero Dantas Martins, Barão de Jeremoabo, do sertão baiano. Os dados do *corpus* dessa pesquisa são confrontados com os resultados da análise da amostra examinada por Barbosa (2006).

Existe a similaridade de perfis do avô Ottoni e de Júlio de Castilhos. Ambos se assemelham pelo uso e pelo acerto das etimologizações escritas. Em relação aos *corpora*: pessoas com alta taxa de uso de etimologizações e com diversidade de palavras. O segundo *corpus*, cartas encaminhadas para Cícero Dantas Martins, não tem tantos redatores, nem número expressivo de palavras utilizadas pela maioria, nem abrange tanta diversidade de perfis sociais como o primeiro.

Lima (2014), em sua tese de doutorado, afirma que, nessa complexa atividade de representar as palavras pela sua origem, o redator depara-se com interferências morfológicas, fonéticas e lexicais. De acordo com ele, escrever de maneira etimológica diz quem é o redator, a que grupo pertence e o contato que tem com os textos escritos. A grafia etimológica não pertence a uma língua particular, faz parte do repertório dos produtores hábeis do século XIX, que lançam mão desse recurso como expediente necessário para a construção de sua imagem de participante de uma extensão cultural. Ser um redator erudito não era simplesmente ter o domínio da etimologização, mas ser um conhecedor de diversas culturas, sobretudo, a cultura clássica, reservada a uma elite muito restrita da sociedade oitocentista. Uma maneira de expressar essa erudição é através da grafia etimológica.

Segundo o autor, a grafia etimológica é um produto histórico, que resulta, a cada instante, de uma interação das tradições e do contexto. Uma tradição de escrita surge sempre de outras experiências, ou seja, de outras escritas. O século XIX assinala-se como o auge das etimologizações gráficas e costuma-se associar a ortografia do século a essa tendência. É claro que havia outras propostas, mas, não por acaso, essa relação predomina com a emergente imprensa. O redator empreende significativamente em sua escrita a grafia etimológica.

Conforme Lima (2014), a etimologização já ocorria, pelo menos, desde o Renascimento. Contudo, o desenvolvimento da imprensa e o aumento do acesso aos textos escritos fizeram com que certos valores políticos e ideológicos procurassem revalorizar a cultura clássica. Uma visível manifestação epilinguística foi a grafia etimológica, que procurava destacar dentre os escreventes da época uma elite portadora de um prestígio em sua

sociedade. Quanto mais se encontram grafias latinizadas em um autógrafo oitocentista (em relação ao total de palavras do *corpus*), mais seu autor teria estado em contato com os meios de transmissão de modelos de erudição (BARBOSA, 2013).

Considerando-se a periodização ortográfica, o período pseudoetimológico estende-se do século XVI até o início do século XX. De acordo com Silva (2009), a história da ortografia portuguesa pode ser dividida em três períodos. O primeiro, fonético, começa com o aparecimento dos primeiros textos escritos em língua portuguesa, no século XII, e vai até o século XVI; o segundo, pseudoetimológico, e o terceiro, conhecido como histórico-científico ou simplificado, inicia-se em 1911, com a reforma ortográfica em Portugal.

O período fonético coincide com a fase arcaica da língua portuguesa e caracteriza-se pela preocupação de escrever as palavras em harmonia com sua pronúncia. Nessa fase, havia falta de sistematização e até de coerência, visto que o mesmo sinal gráfico era usado, às vezes, com valores diferentes. O período etimológico tem início no Renascimento e caracteriza-se pela preocupação com a etimologia, com a origem das palavras. O humanismo renascentista trouxe o eruditismo, a pretensão de imitar os clássicos gregos e latinos. Muitas grafias da época eram equivocadas, contrariando a etimologia e a evolução da língua, motivo pelo qual o segundo período da ortografia portuguesa é denominado pseudoetimológico. O período histórico-científico ou simplificado é marcado pelo desejo de normatizar e simplificar a grafia das palavras e também de aproximar as normas ortográficas de Brasil, Portugal e, mais recentemente, de todos os países de língua portuguesa. É o período das reformas e dos acordos ortográficos. O sistema simplificado busca orientar-se pela pronúncia, assim como o sistema fonético, mas leva em conta também a etimologia (SILVA, 2009).

Ao estudar a inserção do princípio etimológico na prescrição e na prática gráficas oitocentistas, Lima (2014, 32-33) apresenta a descrição da ortografia portuguesa, considerando como recorte temporal a década de 70 do século XIX, tanto no Brasil como em Portugal. Para tanto, o autor analisou os conteúdos gráfico-normativos de cinco gramáticas de autores brasileiros da segunda metade do século XIX e o periódico *Gazeta de Noticias* (1877-1878), para uma caracterização do que ele denominou de norma subjetiva (prescrita pelas gramáticas) e norma objetiva (os conteúdos gráficos que circulavam nos periódicos e nos textos de escritores renomados da época). Jesus (2021, p. 231-232) elaborou uma síntese, construída a partir de Lima (2014), da visão de autores brasileiros a respeito da norma ortográfica subjetiva, no século XIX, com as seguintes informações:

- Francisco Sotero dos Reis, 1877: reconhece a existência de três sistemas ortográficos: fonético, etimológico e misto, mas prefere o sistema misto. Assim é possível utilizar uma representação etimológica que se aproxime da pronúncia praticada.

- Silva Jr. e Andrade, 1877: apenas o sistema fonético impossibilita a existência de uma ortografia, pois a pronúncia está sujeita a variação diafásica, diatópica e de estilo. Em contrapartida, o uso simplesmente adotando o sistema etimológico resulta em um número significativo de homônimos e de enganos de origem. Por isso, optam pelo que é usual, ou seja, pelo sistema misto, que tenta dosar os dois sistemas anteriores.

- Julio Ribeiro, 1881: prefere o uso etimológico, mas combate uso sem que haja fundamento. A variação gráfica é a evidência da coexistência de normas, mas ao mesmo tempo revela a preocupação em resolver os problemas gráficos.

- João Ribeiro, 1888 e 1894: seu testemunho sobre os sistemas ortográficos explicita a falta de base segura. Em relação à ortografia fonética, a variação da pronúncia torna impraticável uma ortografia. Quanto à ortografia etimológica, a evolução das formas dos vocábulos e a obscuridade e o desconhecimento da origem dos vocábulos criam formas variantes que apesar de serem decisões gráficas etimológicas não possuem fundamento. Já a ortografia mista, por não dispor de limite preciso da colaboração de cada sistema anterior, também expõe abertura à variação.

- Alfredo Gomes, 1897: será a consciência da existência de outros modelos gráficos que se constituirá a abordagem do autor. Reconhece a existência de 3 sistemas (*phonetica*, *etymologica* e *usual*). Também por preferir o sistema usual que é a relação dos sistemas fonético e etimológico.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Neste trabalho, cuja abordagem é descritivo-interpretativa, utiliza-se, de forma mais específica, a metodologia proposta por Barbosa (2006) e por Barbosa e Lima (2019). Assim, estabelecem-se as seguintes etapas, para o desenvolvimento da pesquisa⁹:

1. levantamento das grafias etimologizadas e pseudoetimologizadas, presentes nos documentos;
2. consulta a dicionários, para verificar se as grafias são ou não de origem latina, descrevendo, assim, as etimologizações verdadeiras e as falsas etimologizações. Foram utilizados os dicionários etimológicos de Antenor Nascentes (1955) e o de Antonio Geraldo da Cunha (1996);
3. realização do cálculo quantitativo, por acervo: a) identificar as taxas de uso de etimologizações (em relação ao total de palavras do texto) – quanto mais encontrar grafias latinizadas em um manuscrito, mais seu escrevente teria estado em contato com os meios de transmissão de modelos de erudição; e b) identificar as taxas de acerto das etimologizações (em relação ao total das palavras com grafia etimologizada) – quanto mais o escrevente manter um paralelo entre a forma latina e o vocábulo em português, mais qualificado seria seu grau de conhecimento da escrita (BARBOSA; LIMA, 2019, p. 176-177). Para essa quantificação são consideradas as etimologizações que se perderam no tempo, ou seja, grafias que não perduraram.
4. em seguida, separar as taxas por escrevente, para análise dos perfis, em relação ao grau de habilidade com a escrita, a partir dos usos da grafia etimológica.

Para a primeira etapa, de levantamento das grafias, utilizou-se a lista de grafias que consta no quadro de Barbosa e Lima (2019, p. 191), construído com base em textos modelares do século XIX, jornais periódicos publicados no Brasil. Os grafemas elencados foram: *ll, ct, H, ff, mm, nn, ph, th, tt, pp, pt, cc[k], cç, cc[s], ch[k], mn, pç, gn, gg, dd, bb, rh, sc, gm, bd, cd, bt, k, w, x, rrh, cqu, sch*.

⁹ O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da UEFS (em 26 de outubro de 2021), conforme recomendação do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UEFS, e obteve dispensa, por conta da natureza do trabalho.

O levantamento de vocábulos com grafia latinizada foi realizado em quatro acervos de cartas pessoais que estão disponíveis no site do projeto *Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão*, o CE-DOHS (<http://www5.uefs.br/cedohs/>), a saber: Cartas particulares do Recôncavo da Bahia (1818-1886); Cartas para Severino Vieira, governador da Bahia (1901-1902); Acervo Dr. João da Costa Pinto Victória (1911-1958) e Cartas em Sisal (1906-2000).

Para a caracterização do perfil do escrevente, em relação ao uso de etimologizações, utilizou-se a proposta de Barbosa (2006), utilizada também por Grimm (2018), organizando um contínuo de habilidade com a escrita, a partir dos seguintes critérios, apresentados a seguir em ordem, da menor habilidade para um nível de maior habilidade.

- uso de etimologizações abaixo de 1% e taxa de acerto abaixo de 50%;
- uso de etimologizações em torno de 1% e taxa de acerto em torno de 50%;
- uso de etimologizações em torno de 2% e taxa de acerto entre 60% a 80%;
- uso de etimologizações em torno de 3% e taxa de acerto em torno de 80%;
- uso de etimologizações acima de 4% e taxa de acerto acima de 90%.

Como descrito no item 3, anteriormente, referente às etapas deste trabalho, quanto mais o escrevente manter um paralelo entre a forma latina e o vocábulo em português, mais qualificado será seu grau de conhecimento da escrita.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DOS *CORPORA*

O acervo *Cartas particulares do Recôncavo da Bahia* (1818-1886) corresponde a um total de 158 cartas, em edição semidiplomática, do Recôncavo baiano, datadas do século XIX, de 1818 a 1886, uma amostra para a realização de estudos dentro de uma perspectiva sociolinguística, na medida em que é possível determinar, na maioria dos casos, conforme informações disponíveis na tese de Tânia Lobo (2001), e publicadas também pelo projeto CE-DOHS (através da interface com a plataforma *Tycho Brahe*)¹⁰, onde, quando, por quem e para quem os textos foram escritos (conforme demonstra o Anexo A).

Foram utilizadas apenas 42 das cartas que integram o acervo *Cartas do Recôncavo*. Essa é a quantidade de cartas disponibilizadas no site CE-DOHS, para o acesso às demais

¹⁰Disponível em: <https://www.tycho.iel.unicamp.br/browser/category/dd6d73cb-eed8-4a80-aec5-1c10c31109f5>. Acesso em: 27 fev. 2023.

cartas, realizou-se a consulta direta a Lobo (2001), mas não se realizou o controle das taxas de uso e de acerto, dada a impossibilidade, já que a referida tese não está disponível em versão digital. O acesso é possível através do volume impresso ou da versão digitalizada a partir do impresso.

Esse conjunto de cartas, cuja edição filológica integra a tese intitulada *Para uma sociolinguística histórica do português no Brasil: edição filológica e análise linguística de cartas particulares do Recôncavo da Bahia, século XIX*, de Lobo (2001), contém um subconjunto de documentos escritos por imigrantes portugueses e um subconjunto de documentos escritos por brasileiros predominantemente pertencentes ou à elite, ou ao grupo social que lhe é imediatamente próximo na hierarquia social.

No subconjunto escrito por remetentes brasileiros, há exemplares que se podem considerar representativos de variedades populares do português brasileiro, o que ocorre ou pelo fato de haver escreventes pertencentes a estratos sociais inferiores, ou pelo fato de haver escreventes pouco escolarizados e/ou com baixo grau de letramento entre os brasileiros ditos da elite.

O acervo *Cartas para Severino Vieira*, Governador da Bahia (1901-1902), compõe-se de um conjunto de 102 cartas, extraídas de Carneiro (2005), enviadas a Severino Vieira por 60 remetentes (57 homens e 3 mulheres), a maioria letrada e, sobretudo, cidadina. As cartas datam de 1901-1902, sendo 41 cartas de 1901 e 58 cartas de 1902, período que corresponde ao primeiro biênio do mandato de Severino Vieira, Governador da Bahia (1901-1904). No Anexo B estão as informações detalhadas sobre esse acervo.

Sobre as correspondências do acervo Dr. João da Costa Pinto Victoria, trata-se de cartas escritas entre 1911 e 1958, por cinco mulheres semicultas e cultas, oriundas de Salvador, de Santo Amaro e do Rio de Janeiro. São mulheres pertencentes a famílias com representatividade no Brasil Colônia, no Brasil Império e com significação também no Brasil República, das famílias Araújo Pinho, Argolo, Carvalho, Costa Pinto, Ferreira de Moura e Wanderley. As cartas foram trocadas entre familiares e abordam assuntos pessoais e cotidianos, tais como saudades, informações sobre o estado de saúde, notícias de falecimentos, comentários sobre festejos, comunicado de pagamento de dívidas, entre outros.

O acervo *Cartas em Sisal: Riachão do Jacuípe, Conceição do Coité e Ichu* (1906-2000), *corpus* composto pela edição fac-similar e semidiplomática de 131 cartas, escritas por 53 remetentes, extraídas de Santiago (2019). Essas cartas foram escritas por sertanejos

oriundos de comunidades rurais dos municípios de Riachão do Jacuípe, Conceição do Coité e Ichu, localizadas na região sisaleira do Semiárido baiano.

Trata-se de cartas trocadas entre familiares, compadres, namorados e amigos, principalmente para expressar saudades, obter notícias familiares e fazer pedidos; de modo geral, são textos próximos de uma escrita cotidiana, de caráter afetivo, em que há um significativo grau de intimidade entre os remetentes e os destinatários.

4 AS GRAFIAS ETIMOLÓGICAS EM MANUSCRITOS BAIANOS DOS SÉCULOS XIX E XX

Nesta seção, apresentam-se os resultados da análise do grau de domínio da escrita dos redatores das cartas pessoais dos séculos XIX e XX, através do estudo das etimologizações (em relação às grafias consonantais que não permaneceram) e pseudoetimologizações. Havia a hipótese inicial de que seria identificado um maior número de dados nos manuscritos do século XIX, já que, no século XX, há uma maior tendência à normatização ortográfica. No entanto, principalmente nos textos dos primeiros anos deste século, a escrita etimologizada é identificada, como uma tentativa de investir prestígio à escrita ou pode ser, ainda, um indício de maior desconhecimento das práticas de escrita da época, a depender do escrevente.

4.1 DADOS DO SÉCULO XIX

No acervo *Cartas particulares do Recôncavo da Bahia*, foram identificadas etimologizações nos textos dos quatro escreventes: Ana Constança do Coração de Maria, Felizardo José de Faria, João Pinto Leite e Manuel José de Almeida. Calculando a razão de palavras etimologizadas pelo total de palavras do texto, obteve-se a taxa percentual do uso, e calculando a razão das palavras etimologizadas corretamente, obteve-se a taxa de acerto dos escreventes (tendo por parâmetro metodológico, como já mencionado, os trabalhos anteriores (BARBOSA, 2006; GRIMM, 2018)).

Tabela 1 – Uso das formas etimologizadas por escrevente em *Cartas do Recôncavo*

Remetente	Uso de Etimologização	Taxa de Acerto	Taxa de Erro
Felizardo José de Faria	8/397 (2,02%)	7/8 (87,5%)	1/8 (12,5%)
João Pinto Leite	106/8051 (1,32%)	93/106 (87,7%)	13/106 (12,3%)
Manuel José de Almeida	5/523 (0,96%)	4/5 (80%)	1/5 (20%)
Ana Constança do Coração de Maria	7/1139 (0,61%)	5/7 (71,4%)	2/7 (28,6%)

Fonte: elaboração própria.

Os escreventes que mais usaram etimologizações foram Felizardo José de Faria (2,02%) e João Pinto Leite (1,32%), ambos de nacionalidade portuguesa, comerciantes, vivendo no Brasil. Este último foi o que mais fez o uso correto, de forma que, de modo geral, a taxa de acerto foi bem alta. Infere-se que, pelo perfil profissional, esses escreventes

estivessem inseridos em práticas de escrita da época, em contato com os textos em circulação. Das poucas pseudoetimologizações, a maioria foi identificada na escrita de Ana Constança (28,6%), uma religiosa, natural de Santo Amaro-BA. Segundo Lobo (2001), não há, no conjunto de textos desses redatores, marcas de transferência do português oral, que poderiam revelar uma escrita com menor habilidade. No entanto, considerando um contínuo de habilidade em relação exclusivamente ao uso de etimologizações, a escrita de Felizardo José estaria em um ponto de maior familiaridade com as práticas da época.

Predominam nesse acervo os casos de etimologização com asconsoantes geminadas, principalmente as grafias de *ll*, *tt*, *ff* e *bb*, em palavras que aparecem repetidas, como *elle* (20 ocorrências), *ella* (8 ocorrências), *attenciozo* (13 ocorrências) e *abbadessa* (16 ocorrências). Há, também, alguns poucos casos de sequências mediais de obstruintes (*actualmente*, *affectoozo*). As 09 falsas etimologizações estão representadas em palavras como *ditto* (do latim *dictus*), *protteccões* (do latim *protectione*), *nettos* (do latim *nepos*) e outras.

No quadro a seguir, apresentam-se as 53 palavras (desconsiderando as repetições), identificadas no *corpus*:

Quadro 1 –Exemplos de etimologizações nas *Cartas particulares do Recôncavo da Bahia*, disponíveis no CE-DOHS

Grafia na carta	Em latim (Cunha, 2007)	Etimologização Falsa	Etimologização Verdadeira	Carta-Ano
sabbado	sabbatum		x	Carta 01 (1853), 18 e 37 (sem data)
ellas	illa		x	Carta 01 (1853), 17 (1847) e 24 (1849)
elle	ille		x	Carta 02, 1847; Carta 08, 1848; Carta 10, 1848; Carta 12, 1848; Carta 14, 1848; Carta 16, 1848; Carta 17, 1847; Carta 21, sem data; carta 22, 1849; Carta 23, 1849; Carta 25, 1857; Carta 27, 1861; Carta 32, 1861; Carta 34, sem data, Carta 35, 1861, Carta 37, sem data; Carta 38, sem data, Carta 40, sem data, Carta 41, sem data; Carta 42, sem data
aquella	Eccuilla		x	Carta 03, 1848
ella	illa		x	Carta 03, 1848; Carta 12, 1853; Carta 15, 1847; Carta 24, 1849 Carta 26, 1857; Carta 27, 1857; Carta 30,

				sem data; Carta 32, 1861
attencioza	Attentio-onis		x	Carta 03, 1848; Carta 07, 1836; Carta 09, 1853; Carta 11, 1853
actualmente	actualis		x	Carta 04 – 1836
appareceo	apparescere		x	Carta 05, 1847 Carta 19, 1848 Carta 20, 1849
attenciozo	attentio-onis		x	Carta 05, 1847 Carta 08, 1848 Carta 10, 1848 Carta 16, 1888 Carta 17, 1847 Carta 19, 1848 Carta 21, sem data, Carta 22, 1849 Carta 23, 1849 Carta 26, 1857 Carta 27, 1857 Carta 28, 1858 Carta 29-1860
Illustrissima	illustris		x	Carta 05, 1847 Carta 19, 1848 Carta 20, 189
remetto	remittere		x	Carta 06 – 1848
ditto	dictus	x		Carta 06 – 1848
abbadessa	abbatissa		x	Carta 10, 1848 Carta 11, 1853 Carta 19, 1848 Carta 20, 1849 Carta 24, 1849 Carta 26, 1857 Carta 27, 1857 Carta 28, 1858 Carta 29, 1860 Carta 30, sem data Carta 33, sem data Carta 35, 1861 Carta 36, sem data Carta 37, sem data Carta 38, sem data Carta 41- 1861
annos	annum		x	Carta 11, 1853 Carta 12, 1848 Carta 13, 1853 Carta 28, 1858
Anna	ana	x		Carta 11, 1853 Carta 27, 1857 Carta 32, 1861 Carta 35, 1861 Carta 38, sem data Carta 41- sem data
apparecerei	apparescere		x	Carta 32, 1861 Carta 12, 1848
anno	annum		x	Carta 12, 1848 Carta 15, 1847
appareço	apparescere		x	Carta 12- 1848

ocazião	occasione		x	Carta 14, 1848 24, 1849 26, 1857 39, sem data
collocádo	collocare		x	Carta 15- 1847
intelligente	intelligens		x	Carta 15- 1847
atesttado	Attestatus		x	Carta 15- 1847
Prottecções	protectione	x		Carta 15- 1847
apparecerei	apparescere		x	Carta 12, 1853 Carta 16, 1848
appareci	apparescere		x	Carta 18- 1849
apparecerme	apparescere		x	Carta 18-1849
apparecer	apparescere		x	Carta 19, 1848 Carta 20, 1849
apparessa	apparescere		x	Carta 25- 1849
offeresse	offerescere		x	Carta 27- 157
netto	nepos	x		Carta 26- 1857
soffrido	sufferre		x	Carta 29- 1860
soffreo	sufferre		x	Carta 29- 1860
afilhada	afiliatu	x		Carta 29- 1860
affeçoado	affectatio-onis		x	Carta 30 - sem data
abbade	abbatem		x	Carta 31- 1861
apparecer	apparescere		x	Carta 19, 1848 Carta 20 , 1849
ballanço	bilancea	x		Carta 32- 1861
apparecerei	apparescere		x	Carta 12, 1848 Carta 16, 1848 Carta 32,1861
efeito	effectum		x	Carta 36- sem data
soffrer	sofferere		x	Carta 3- 1862
soffria	sofferere		x	Carta 36- sem data
soffri	sofferere		x	Carta 32- 1861
auttos	actu	x		Carta 36- sem data
vallem	valere	x		Carta 36- sem data
cavallo	caballus		x	Carta 37- sem data
occorrendo	occurere		x	Carta 38- 1861
apparecao	apparescere		x	Carta 38- 1861
occorrer	occurere		x	Carta 38- 1861
apparecido	apparescere		x	Carta 39- 1861
nettos	nepos	x		Carta 39- 1861
occorrido	occurrentia		x	Carta 39- 1861
affectoozo	affectuosos		x	Carta 40- sem data
apparecendo	apparescere		x	Carta 41- sem data

Fonte: elaborado pela autora.

Na tese de Lobo (2001), estão disponíveis mais cartas desse mesmo *corpus*, no entanto, como a edição não está disponível em versão digital (o acesso se dá através do volume impresso ou da versão digitalizada a partir do impresso), não foi possível o cálculo das taxas de uso e acerto pelo total de palavras das cartas. Ainda assim, no quadro a seguir ilustram-se os casos de etimologizações identificados nessas cartas (que não estão disponíveis no site CE-DOHS).

Quadro 2 – Exemplos de etimologizações nas *Cartas do Recôncavo* disponíveis na tese de Lobo (2001)

Grafia na carta	Em latim (Cunha, 2007)	Etimologização Falsa	Etimologização Verdadeira	Carta-Ano
Attencioza/ attenciozo	Attentio-onis		x	01-1836, 02-1836 03-1836, 04-1836 14-1841, 15-1849 17-1842, 29-1853 30-1861, 53-1852 56-1847, 62-1848 65-1849, 68-1849 69-1849, 72-1850 85-1851, 86-1851 104-1836, 106-1836 124-1849, 128-1848 139-1841, 147-1842 148-1848, 150-1857
Abbadessa	Abbatissa		x	01-1836, 02-1836 03-1836, 04-1836 11-1853, 13-1851 14-1841, 15-1849 18-1844, 19-1844 20-1831, 34-1876 35-1849, 36-1849 43-1836, 44-1869 45-1853, 46-1818 47-1845, 51-1849 57-1847, 60-1848 64-1849, 67-1849 68-1849, 83-1851 84-1851, 89-1851 92-1853, 94-1857 99-1861, 102-sem data 104-1836, 106-sem data 109-1853, 111-1849 116-1844, 120-1848 122-sem data, 125-1865 127-1842, 128-1848 131-1853, 132-1853 134-1857, 135-1860 136-1840, 140-1842 142-sem data, 144-1849 145-1865, 151-1853 156-1860, 157-1840
Illustrissima/ Illustrissimo	illustris		x	01-1836, 02-1836 03-1836, 04-1836

				06-1858, 05-1853 07-1858, 08-1858 09-1858, 10-1883 13-1851, 14-1841 15-1849, 16-1842 17-1842, 18-1844 21-1863, 22-1848 24-1849, 25-1850 26-1850, 30-1861 31-1840, 32-1863 33-1876, 34-1876 35-1849, 36-1849 37-1850, 39-1851 40-1851, 41-1851 42-1831, 43-1836 44-1869, 45-1853 46-1818, 47-1845 50-1849, 51-1849 52-1851, 53-1852 55-1844, 56-1847 60-1848, 61-1848 64-1849, 67-1849 68-1849, 71-1850 77-1850, 78-1850 80-1850, 84-1851 85-1851, 86-1851 87-1851, 88-1851 89-1851, 90-1853 92-1853, 94-1857 95-1857, 96-1858 97-1860, 101-sem data 102-sem data, 106-1836 107-1836, 108-1838 110-1864, 111-1849 113-1850, 114-1849 115-1840, 116-1844 118-1840, 119-1886 120-1848, 121-1842 122-sem data, 124-1849 126-1830, 127-1842 129-1850, 130-1850 131-1853, 132-1853 133-1857, 134-1857 135-1860, 136-1840 137-1841, 138-1841 139-1841, 140-1842 141-1842, 142-sem data 144-1849, 146-1830 147-1842, 148-1848 149-1850, 150-1850 151-1853, 152-1853 153-1853, 154-1857 155-1857, 156-1860 157-1840, 158-1840
opporem	opponere		x	22-1848
Annos/anno	annum		x	05-1853, 31-1840 49-1841, 55-1844 60-1848, 69-1849 82-1851, 103-sem data 114-1849, 119-1886

Ella/elle	Illa/ille		x	06-1858, 13-1851 21-1863, 22-1848 23-1848, 26-1850 27-sem data, 32-1863 28-sem data, 46-1818 50-1849, 55-1844 56-1847, 58-1848 61-1848, 69-1849 73-1850, 66-1849 72-1850, 74-1850 77-1850, 78-1850 81-1850, 82-1851 85-1851, 86-1851 88-1851, 90-1853 91-1853, 95-1857 96-1858, 98-1861 99-1861, 100-1861, 102-sem data, 103-sem data, 117-1864, 118- 1840, 137-1841, 138- 1841, 143-1843, 150- 1850
Occasiões/ocasião	Occasione		x	10-1883, 41-1851 42-1831, 67-1849 84-1851, 91-1853 126-1830
efeito	Effectum		x	11-1853, 79-1850 97-1860
offerece	Offerescere		x	11-1853
sabbado	Sabbatum		x	13-1851, 29-1853 63-1848
villa	Villa		x	20-1831, 61-1848
fallar	Fabulare	x		25-1850, 35-1849
appelou	Appellare		x	26-1850
offereceu	Offerescere		x	26-1850, 54-1838 76-1850
Communiquei/comm oniqueicommonicar	Communicare		x	26-1850, 52-1851 123-1843, 143-1843
Occorrido/ocorre/ ocorrendo/ ocorrerão	Occurere		x	27-sem data, 81-1850 86-1851, 146-1850
indifferente	Indifferente		x	27-sem data
relligiosas	religione	x		30-1861
illustre	Illustris		x	35-1849
attento	Attentus		x	35-1849, 38-1850
commigo	de com e migo, mecum		x	39-1851
remetto	Remmittere		x	41-1851, 50-1849
Appareceu/appareci/a ppareça	Apparescere		x	52-1851, 57-1847 63-1848, 66-1849 90-1853
notta	Nota-ae	x		83-1851
Affectuoso/affectuosa	Affectus		x	101-sem data, 133-1857 154-1857

accusa	Accusare		x	109-1853
attenta	Attendere		x	110-1864
atenção	Attentio-onis		x	154-1857

Fonte: elaboração própria.

Foram identificadas 28 palavras (desconsiderando-se as repetições), 25 etimologizações verdadeiras e 3 falsas: *fallar* (de *Fabulare*, 2 ocorrências), *relligiosas* (de *religione*), *notta* (de *nota-ae*). A etimologização mais frequente também foi a duplicação de consoantes, mesmo caso do quadro anterior, com destaque para as palavras *attencioza/attenciozo*, *Abadessa*, *Illustrissima/Illustrissimo*, *elle/ella* que apareceram em significativa quantidade nas cartas.

No próximo quadro, apresenta-se a distribuição das formas etimologizadas que aparecem nos textos de escreventes desta parte do acervo:

Quadro 3 – Uso das formas etimologizadas por escrevente nas *Cartas do Recôncavo* disponíveis apenas na tese de Lobo (2001)

Remetente	Etimologias falsas	Etimologias verdadeiras
Ana Maria das Dores Barata	-	2
Antônio	-	3
Antônio José de Sousa Gouveia	-	4
Antônio Onofre de Pinho	-	3
Augusto	-	3
Barão da Cajaíba	-	5
Barão de Passé	-	1
Baronesa de São Francisco	-	2
Bernardino Barbosa Lisboa	-	2
Emídio Cavalcante de Melo	1	14
Felizardo José de Faria	-	1
Francisco da Silva Melo	1	2
Francisco Maria de Castro	-	1
Francisco Pires de Carvalho Aragão	-	2
Frutuoso de Azevedo Pereira	1	13
Inácio Pires de Carvalho e Albuquerque	-	5
João Batista Pinto Sanches	-	2
João Calisto Gomes da Silva	-	2
João da Costa Carneiro de Meireles	-	2
João Gonçalves Ferreira	-	5
João Gualberto Mascarenhas	-	-
João José de Azevedo Lima	-	5
João Lopes Fiuza Barreto de Meneses Barbalho	-	2
Joaquim Carvalho da Fonseca	1	92
Joaquim Rodrigues Nóbrega	-	2
José Cardoso Pereira de Melo	-	2
José Gomes da Silva	-	4
José Joaquim de Melo	-	1

José Teodoro de Sá Barreto	-	2
Justina Florinda do Amor Divino	-	1
Justino Gustavo Dourado	-	2
Leopoldina	-	1
Luíz Gonzaga dos Santos Lima	-	2
Manoel José de Almeida	-	2
Manoel José Dias	-	3
Manoel José Lopes de Aguiar	-	4
Manoel Pinto Leite	-	1
Maria da Conceição	-	1
Maria Joaquina Aragão	-	2
Maria Joaquina Epifânia de São José e Aragão	-	15
Matildes de Araujo e Almeida	-	8
Pedro Antonio Veloso da Silveira	-	1
Prudêncio José de Sousa Brito Cotegipe	-	2
Raimundo Alves de Sousa	-	2
Raimundo Barroso de Sousa	-	2
Salvador Estevão Barbosa	-	1
Tomás Gomes de Azevedo	-	1
Visconde da Pedra Branca	-	2
Visconde da Torre de Garcia d' Avila	-	3
Visconde do Rio Vermelho	-	3
Zacarias de Góis e Vasconcelos	-	6

Fonte: elaboração própria.

Mesmo sem ser possível, aqui, considerar a quantidade de palavras das cartas para cálculo das taxas, o maior número de etimologizações foi na escrita de Joaquim Carvalho da Fonseca, seguido de Maria Joaquina Epifânia de São José e Aragão. Houve predominância de acertos nos usos. Vale ressaltar que, das poucas pseudoetimologizações, duas ocorreram nos textos de Frutuoso de Azevedo Pereira (com 13 grafias etimologizadas, no total), que escreveu 07 cartas. Lobo (2001), ao caracterizar o perfil dos escreventes deste acervo, informa que

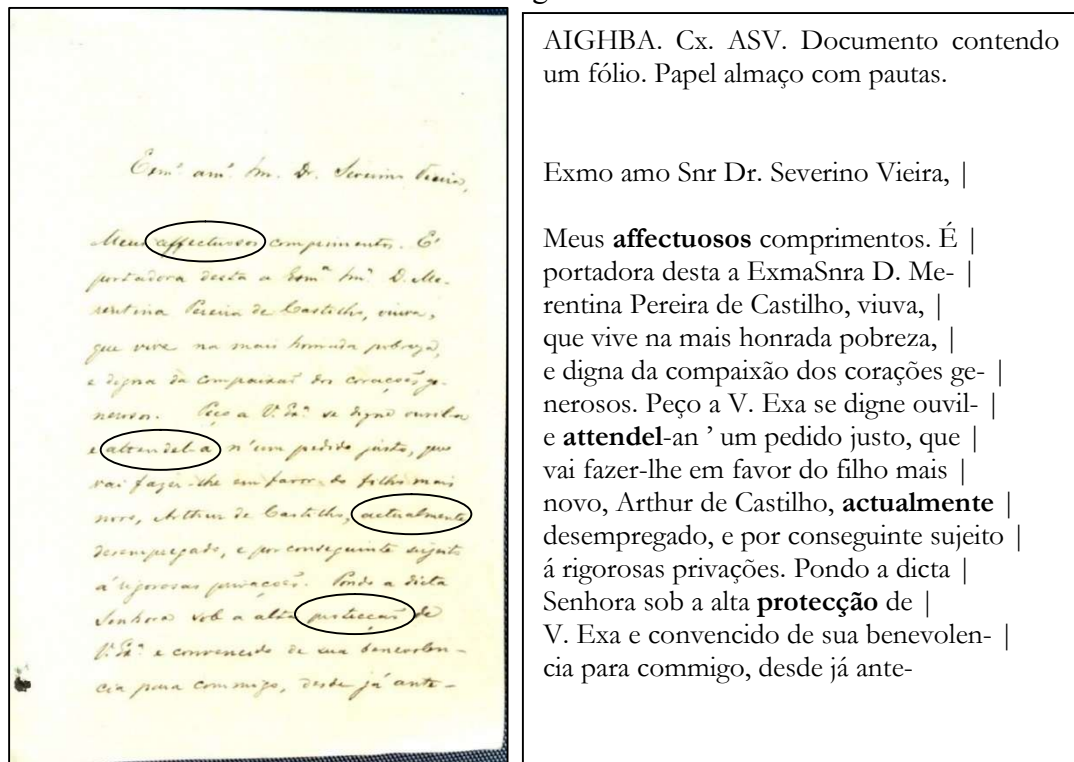
Dados de natureza linguística permitem identificá-lo, indubitavelmente, como brasileiro. Frutuoso de Azevedo Pereira (R. 16), senhor de Engenho do Engenho do Rio Azul, é, dentre todos os remetentes das cartas, o que mais transfere para a escrita marcas típicas de um português brasileiro oral não-padrão. (LOBO, 2001, p. 140).

A pesquisadora elenca uma série de aspectos, nos níveis fônico e morfossintático, que podem ser reflexo da oralidade. O uso da grafia etimologizada (como em *abbadessa*, *illustre*, *attento*, *vallem*, *auttos* e *fallar* (pseudoetimologização)), coocorrendo a esses aspectos, no caso dos textos de Frutuoso Pereira, pode ser considerada, então, como mais uma marca caracterizadora de um perfil com maior desconhecimento das práticas de escrita da época.

4.2 DADOS DO SÉCULO XX

No acervo *Cartas de Severino Vieira*, foram identificadas etimologizações nos textos da maior parte dos escreventes, mas oito deles não registraram grafias desse tipo. De modo geral, as taxas de uso foram baixas, assim como os índices de erro. Uma taxa um pouco maior de uso foi constatada na escrita do Monsenhor Guedelha Mourão (2,6%), de Alipio de Miranda Ribeiro (2,8%) e de Francisco Mendes da Rocha (2,1%). Pelo contexto mais formal de produção desse *corpus* (cartas enviadas ao Governador da Bahia), a presença de etimologizações pode ser uma tentativa de investir prestígio à escrita, já que a maioria dos remetentes, segundo Carneiro (2005), é letrada e, sobretudo, cidadina. A seguir, o fac-símile e a edição diplomática da carta do Monsenhor Guedelha (com grifos nossos), um exemplo de escrevente que, pelo conjunto de propriedades do texto (aparência de uma caligrafia segura, uso da linguagem formal), demonstra habilidade com a técnica de escrita:

Figura 1 – Exemplo do acervo Cartas para Severino Vieira, com a presença de escrita etimologizante



Fonte: CE-DOHS

Na próxima tabela, a distribuição de usos etimologizantes, de acordo com o escrevente:

Tabela 2 – Uso das formas etimologizadas por escrevente em *Cartas para Severino Vieira*

Remetente	Uso de Etimologização	Taxa de Acerto	Taxa de Erro
Agnello Leite	4/382 (1,0%)	3/4 (75,0%)	1/4 (25,0%)
Alfredo Maia	2/164 (1,2%)	2/2 (100,0%)	-
Alfredo Moreira Pinto	8/702 (1,1%)	7/8 (87,5%)	1/8 (12,5%)
Alipio de Miranda Ribeiro	2/72 (2,8%)	1/2 (50,0%)	1/2 (50,0%)
Alvaro Appio de Carvalho	3/201 (1,5%)	3/3 (100,0%)	-
Anna Autran	3/434 (0,7%)	2/3 (66,7%)	1/3 (33,3%)
Antonio Augusto Cardoso de Castro	4/323 (1,2%)	4/4 (100,0%)	-
Antonio José Marques	3/279 (1,1%)	1/3 (33,3%)	2/3 (66,7%)
Aragão	2/1349 (0,1%)	2/2 (100,0%)	-
Francisco Pires De Carvalho/ Aragão	1/542 (0,2%)	2/2 (100,0%)	-
Arthur A. Evertoso	2/145 (1,4%)	2/2 (100,0%)	-
Arthur César Rios	-	-	-
Augusto da Silva Ribeiro	2/697 (0,3%)	2/2 (100,0%)	-
B. Araj. Farias Rocha	1/535 (0,2%)	1/1 (100,0%)	-
Manuel Gomes Ribeiro (Barão de Traipú)	1/167 (0,6%)	1/1 (100,0%)	-
Belisario Teixeira Silva Tavora	3/240 (1,3%)	3/3 (100,0%)	-
João Pandiá Calógeras (Calogeras)	10/984 (1,0%)	10/10 (100,0%)	-
Carolina Pinto Guimarães	4/286 (1,4%)	4/4 (100,0%)	-
Dionisyo Gonçalves Martins	2/264 (0,8%)	2/2 (100,0%)	-
Domingos C. De Moraes	1/211 (0,5%)	1/1 (100,0%)	-
Domingos Olympio	1/206 (0,5%)	1/1 (100,0%)	-
Dr. Emilio Teixeira Santos Imbassahy	2/399 (0,5%)	1/2 (50,0%)	1/2 (50,0%)
Dr. Henrique Autran	-	-	-
Dr. Joaquim Carlos Travassos	2/221 (0,9%)	2/2 (100,0%)	-
Eduardo	2/118 (1,7%)	2/2 (100,0%)	-
Epitacio Pessôa	-	-	-
Francisco Mendes da Rocha	39/1841 (2,1%)	39/39 (100,0%)	-
Geraldo Barbosa Lima	1/237 (0,4%)	1/1 (100,0%)	-
Gustavo Camara	3/577 (0,5%)	3/3 (100,0%)	-
Hermann Carlos Palmeira	1/300 (0,3%)	1/1 (100,0%)	-
Irineu	1/338 (0,3%)	1/1 (100,0%)	-
Irineu Machado	1/201 (0,5%)	1/1 (100,0%)	-
J. Cordeiro da Graça (Carta assinada por J. Cordeiro da Graça e escrita por outra mão)	2/151 (1,3%)	2/2 (100,0%)	-
João Batista de Lacerda	2/465 (0,4%)	2/2 (100,0%)	-
João [Käpk ou Köpke]	4/4127 (0,1%)	4/4 (100,0%)	-
João Pereira Drumond	2/306 (0,7%)	2/2 (100,0%)	-
Joaquim da Costa Barros	2/235 (0,9%)	2/2 (100,0%)	-
Joaquim Mendes de Souza	4/978 (0,4%)	4/4 (100,0%)	-

John T. Lewis	2/240 (0,8%)	2/2 (100,0%)	-
José Doria	-	-	-
Jose Julio de Freitas Coutinho	3/295 (1,0%)	3/3 (100,0%)	-
José Leopoldo de Bulhões Jardim	1/1441 (0,1%)	-	1/1 (100,0%)
L. Samuel	2/293 (0,7%)	1/2 (50,0%)	1/2 (50,0%)
Pedro Leão Velloso Filho	1/118 (0,8%)	1/1 (100,0%)	-
Leoncio Correia	1/525 (0,2%)	1/1 (100,0%)	-
Leonel Rocha	1/147 (0,7%)	1/1 (100,0%)	-
Leovigildo Ipiranga Amorim Filgueiras	1/1442 (0,1%)	-	1/1 (100,0%)
Luiz H. Lins de Almeida	2/358 (0,6%)	1/2 (50,0%)	1/2 (50,0%)
M. Torres	-	-	-
M. Wicks	3/813 (0,4%)	3/3 (100,0%)	-
Manoel Coelho Rodrigues	-	-	-
Milciades de Sá Freire e Augusto de Vasconcellos	2/259 (0,8%)	2/2 (100,0%)	-
Monsenhor Guedelha Mourão	4/151 (2,6%)	4/4 (100,0%)	-
Nuno Ferreira de Andrade	3/844 (0,4%)	3/3 (100,0%)	-
Jose d'Oliveira Coelho	1/280 (0,4%)	1/1 (100,0%)	1/1 (100,0%)
Pedro José Oliveira	-	-	-
Pires	1/310 (0,3%)	-	1/1 (100,0%)
Ramos Junior	1/689 (0,1%)	1/1 (100,0%)	-
Saldanha	13/2657 (0,5%)	13/13 (100,0%)	-
Innocêncio Serzedello Corrêa	-	-	-
Tobias Monteiro	1/615 (0,2%)	1/1 (100,0%)	-

Fonte: elaboração própria.

Ainda que no século XX a escrita comece a perder o caráter etimologizante do século XIX, por conta de uma tendência à maior normatização ortográfica, esse *corpus*, por ter sido escrito nos primeiros anos do XX (cartas datadas de 1901-1902), é um exemplo de continuidade dessa prática. Nas cartas para Severino Vieira foram observadas 111 palavras, 104 etimologizações verdadeiras e apenas 7 falsas (*ocupando*, *Anna*, *resppeitosos*, *fallado*, *fallou*, *atenção*, *cautella*). A etimologização mais frequente, assim como no acervo *Cartas do Recôncavo*, foi a duplicação de consoantes, principalmente *ll*, *mm*, *ff*, como em *intelligencia*, *affectuosos*, *suggere*, *accordo*, *elle/ella* (38 ocorrências) e *commercio* (9 vezes). Mais exemplos são apresentados a seguir:

Quadro 4– Exemplos de etimologizações nas *Cartas para Severino Vieira*

Grafia na carta	Em latim (Nascentes, 1995)	Etimologização Falsa	Etimologização Verdadeira	Carta (1901-1902)
Illustre	illustris		x	Carta 01
acceitar	acceptare		x	Cartas 01, 13

collega	collega		x	Cartas 01, 90, 96
elle	Ille		x	Cartas 01, 07, 08, 09, 19, 22, 23, 24, 28, 42, 44, 48, 53, 91, 101, 96, 102, 97, 95, 67, 68, 69, 73, 75, 77, 79, 81, 83, 87
atencões	attentio-onis		x	Carta 01
prometemos	promittere		x	Carta 02
ocasião	occasione		x	Carta 02, 24, 31
Villas	villa		x	Carta 03
annos	annum		x	Cartas 03, 10, 66, 84, 93, 95
supprimidos	supprimere		x	Carta 03
attender	attendere		x	Cartas 03, 05
supplicas	supplicare		x	Carta 04
ocuppando	occupare	x		Carta 04
villa	villa		x	Cartas 04, 19, 02
soffrer	sufferere		x	Carta 05
Anna	ana	x		Cartas 06, 08, 49
attenciosos	Attentio-onis		x	Carta 06
acceitando	acceptare		x	Carta 07
aquella	Eccuilla		x	Cartas 07, 27
acceitais	acceptare		x	Carta 08-
sufficientes	Sufficiens-entis		x	Carta 09
submetti	submittere		x	Carta 09
suggere	suggestere		x	Carta 09
Excellentissimo	Excellent-ntis		x	Carta 82
respeitosos	respectuoso	x		Carta 10
difficultades	difficultas		x	Cartas 04, 10, 11
immenso	inmenso		x	Carta 10
efeito	effecto		x	Cartas 11, 65, 89
fallado	fabulari	x		Carta 11
attenda	attendere		x	Carta 12
acceite	acceptare		x	Cartas 12, 21
submettido	submittere		x	Carta 13
accordo	accordo		x	Cartas 15, 22, 27, 73, 74, 83, 86, 94
anno	annum		x	Cartas 15, 23,

				47, 48
colocado	collocare		x	Cartas 16, 61
collucar	collocare		x	Cartas 17, 18, 31
aquelle	Eccuille		x	Cartas 17, 92
opportunamente	opportunus		x	Carta 18
acceita	acceptare		x	Carta 18
bello	bellus		x	Cartas 19, 20, 21
affectuosamente	affectuosus		x	Carta 19
remettido	remittere		x	Carta 19, 61
supponho	supponere		x	Carta 20
ella	Illa		x	Cartas 20, 47, 56, 57, 96, 94, 64, 79, 86
permitter	permittere		x	Carta 20
emittido	emittere		x	Carta 20
commissões	Commissio-onis		x	Carta 20
intervallo	intervallum		x	Carta 21
ellas	Illa		x	Carta 22
commercial/ commercio	commercium		x	Carta 22
penna	penna		x	Carta 25
alludida	alludere		x	Carta 25
villa	villa		x	Carta 26
somma	summa		x	Cartas 27. 55
atenção	atentio-onis	x		Cartas 28, 45, 74, 89
difficil	difficilis		x	Cartas 30, 97
efeito	effectum		x	Carta 30
affectuosos	affectuosus		x	Cartas 35, 38, 1, 42, 44, 46, 53, 55, 88
commum	communis		x	Carta 35
ocasião	occasione		x	Cartas 35, 39
ocupará	occupare		x	Carta 36
instalação	installare		x	Carta 37
ocupasse	occupare		x	Carta 37
communicar	communicare		x	Carta 38
affectuoso	affectuosus		x	Cartas 39, 43, 51, 79
offerta	offerta		x	Carta 42
cautella	cautela	x		Cartas 42, 44
commercio	commercium		x	Cartas 43, 23,

				37, 38, 49, 52, 54, 61
anunciado	annuntiare		x	Carta 43
comunicação	communicare		x	Carta 43
ilusões	illusio-onis		x	Carta 43
ocupar	occupare		x	Cartas 44, 89
offerenda	offerenda		x	Carta 47
fallou	fabulari	x		Cartas 47, 48
elles	Ille		x	Cartas 50, 52, 64
oferecido	offerescere		x	Cartas 50, 51
oportunamente	opportunus		x	Carta 52
redução	reductio-onis		x	Carta 53
Somma	summa		x	Carta 55
innocente	Innocens-entis		x	Carta 57
Affectos	affectos		x	Cartas 57, 97
Gramma	gramma		x	Carta 58
aceitar	acceptare		x	Carta 59
sábbado	Sabbadu		x	Carta 102
Condução	Conductio-onis		x	Carta 99
difficuldade	Difficultas-atis		x	Carta 96
Soffrerá	sufferere		x	Carta 95
intelligencia	intelligentia		x	Carta 66, 94
Illustre	illustrare		x	Carta 94
imminente	imminensentis		x	Carta 60-
appello	appelare		x	Carta 61
attender	attendere		x	Carta 62
vaccina/ vacinação	vaccinus		x	Carta 62
Officio	officio		x	Carta 64, 70
efficacia	Efficacia-ae		x	Carta 65
aceitavel	acceptar		x	Carta 67
collocar	collocare		x	Carta 67
annos	annu		x	Carta 68
allegar	allegare		x	Carta 69
comuniquei	communicare		x	Carta 70
communicando	communicare		x	Carta 71
ocasião	occasione		x	Carta 71
ocupações	Occupatio-onis		x	Carta 73
protecção	Protectio-ones		x	Cartas 75, 87

collégio	collegium		x	Carta 78
inteligente	Intelligens-entis		x	Carta 87
aplicado	Applicatio-onis		x	Carta 87
suficiente	Sufficiens-entis		x	Carta 87
accusação	Accusatio-onis		x	Carta 86
prometteu	promittere		x	Carta 81
permitta	permittere		x	Carta 80

Fonte: Elaborado pela autora.

Ao retomar a lista de etimologizações apresentada por Barbosa e Lima (2019, p. 191), construída com base no uso de etimologias em jornais do século XIX, em que os autores estabeleceram níveis de aplicabilidade em relação às taxas de uso para as grafias etimológicas, foram identificados dados da maioria dos níveis descritos, sendo o uso do *ll*, nível 1 para os autores, o mais presente nos acervos aqui estudados.

No acervo de Cartas de *Dr. João da Costa Pinto Victória* (1911-1958), um dos escreventes não usou etimologizações. A que mais usou foi também a que registrou uma pseudoetimologização, Antonia Thereza Wanderley. São cartas trocadas em contexto familiar, por escreventes mulheres, segundo descrição do acervo no site do projeto CE-DOHS, que usam um português *culto ou semi-culto*.

Tabela 3 – Uso das formas etimologizadas por escrevente no Acervo *Dr. João da Costa Pinto Victória*

Remetente	Uso de Etimologização	Taxa de Acerto	Taxa de Erro
Antonia Thereza Wanderley	54/10237 (0,53%)	53/54 (98,1%)	1/54 (1,9%)
Virginia Ottoni Vieira	4/1208 (0,33%)	4/4 (100,0%)	-
Aracy Leonardo Pereira	13/21243 (0,06%)	13/13 (100,0%)	-
Maria Luisa Wanderley de Araújo Pinho	0/4936	-	-

Fonte: Elaborado pela autora.

Foram identificadas 31 palavras (sem considerar as repetições), 30 etimologizações verdadeiras e apenas uma falsa (*Collegio*, do latim *colegium*). A etimologização mais frequente também foi a duplicação de consoantes, como nos outros acervos. A seguir, as etimologizações desse acervo.

Quadro 5 – Exemplos de etimologizações nas *Cartas do Acervo Dr. João da Costa Pinto Victória* (1911-1958)

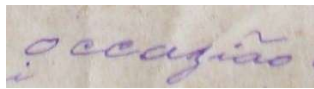
Grafia na carta	Em latim (Cunha, 2007)	Etimologização Falsa	Etimologização Verdadeira	Carta-Ano
nella	Nella		x	01-1917
cavallo	Caballus		x	01-1917
sufficientes	Sufficiens-entis		x	01-1917
elle/ella	Ille/illa		x	01-1917 02,03,05,06,08-1922 10-1923, 100-1935 101-1935, 11-1928 12-1928, 14-1933 15-1934, 17-1934 19-1938, 20-1938 22-1939, 24-1939 28-1940, 29-1940 30-1940, 31-1940 32-1940
soffreu	Sufferere		x	01-1917
prometteu	Promittere		x	01-1917
anno	Annum		x	01-1917 02-1922 22-1939 24-1939 25-1939 28-1940 31-1939
affectuosa/ affeffectuoso	Affectuoso/ affectuosa		x	01-1917 03-1922 09-1923 17-1934 101-1935 19-1938 26-1914
permitta	Permittere		x	03,07-1922 21-1939
collyrio	Collyrium		x	04-1922
remetter	Remittere		x	04-1922
Connosco	cum + nobiscum/noscum		x	04-1922
Occasião	Occasione		x	05-1922 102-sem data
Villa	Villa		x	06-1922
saccudindo	Succutere		x	07-1922
Transmitta	Trans-mittere		x	08-1922
Encommenda	Commendare		x	10-1923
Pelle	Pellis		x	08-1922
Annunciou	Annuntiare		x	11-1928
sabbado	Sabbatum		x	12-1928, 16-1934

				19-1938, 29-1940
Encomenda/ encomendas	Commendare		x	13-1931, 28-1940 29-1940
Collegio	Colegium	x		14-1933
soffrendo	sufferere		x	15-1934
secco	Siccus		x	17-1934
gottas	Gutta		x	17-1934
ocupada	Occupare		x	23-1939
difficil	Difficiles		x	23-1939
Janella	Januella		x	25-1939
offereceram	Offerescere		x	26-1914
Collocação	Collocatio-onis		x	30-1940
prometteram	Promittere		x	30-1940

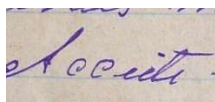
Fonte: Elaborado pela autora.

No acervo *Cartas em Sisal: Riachão do Jacuípe, Conceição do Coité e Ichu* (1906-2000), de escreventes com pouca habilidade em escrita, foram observados poucos registros de latinizações. Os casos de duplicação das consoantes *mm* e *nn*, como em *commo*, *commadi*, *cannarinho* e *farzenno*, registrados em significativa quantidade nessas cartas, não foram aqui considerados, pois Santiago (2019) classificou esses dados como dificuldade do escrevente em representar a nasalidade, conclusão que chegou pelo conjunto de marcas de inabilidade que os textos possuem e pela pouca presença de outras grafias etimológicas. As etimologizações identificadas foram:

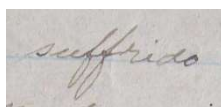
- *ocazião* (Carta 66, 1906) – do latim *occasio*



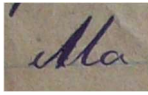
- *acceite* (Carta 66, 1906, 2 ocorrências; Carta 67, 1908) – do latim *acceptare*



- *suffrido* (Carta 67, 1908, 2 ocorrências) – do latim *sufferre*



- *ella/della* (Carta 79, 1906, 2 ocorrências; Carta 66, 1906, 2 ocorrências; Carta 83, 1956) – do latim *illa*








Há também ocorrências de *huma* por *uma* (Carta 79, 1906) *ehia* por *ia* (Carta 66, 1906). Destaca-se o uso de *ella/della*, com alta frequência nos acervos descritos anteriormente, de escreventes hábeis. A presença dessas formas em alguns textos das *Cartas em Sisal*, atesta que mesmo sendo remetentes pouco familiarizados com a escrita, possuíam conhecimento da norma escrita de prestígio do século XIX, ainda presente no interior da Bahia, no início do século XX, espaço em que a escrita demorou para se popularizar.

De modo geral, percebe-se que não há um equilíbrio na quantidade de documentos e de palavras em cada acervo, o que não permite uma comparação mais apropriada. Há escreventes cujas cartas possuem um pequeno número de palavras.

Ainda assim, organizou-se um quadro com a distribuição dos escreventes, de acordo com as taxas de uso e de acerto de grafias etimologizadas apresentadas nos quadros anteriores, baseando-se na proposta de Barbosa (2006), também utilizada por Grimm (2018):

Quadro 6 – Perfil de habilidade dos escreventes, de acordo com o uso de etimologizações

Perfil do escrevente		Cartas do Recôncavo	Cartas para Severino Vieira	Acervo Dr. João da Costa Pinto Victória
menor habilidade 	Uso de etimologizações abaixo de 1% e taxa de acerto abaixo de 50%			
	Uso de etimologizações em torno de 1% e taxa de acerto em torno de 50%	Ana Constança do Coração de Maria	Anna Autran Antonio José Marques Aragão Francisco Pires De Carvalho/Aragão Augusto da Silva Ribeiro B. Araj. Farias Rocha Manuel Gomes Ribeiro Dionisyo Gonçalves Martins Domingos C. De Moraes Domingos Olympio Dr. Emilio Teixeira Santos Imbassahy Dr. Joaquim Carlos Travassos Geraldo Barbosa Lima Gustavo Camara Hermann Carlos Palmeira Irineu Irineu Machado João Batista de Lacerda	Antonia Thereza Wanderley Virginia Ottoni Vieira Aracy Leonardo Pereira

			<p>João [Käpk ou Köpke] João Pereira Drumond Joaquim da Costa Barros Joaquim Mendes de Souza John T. Lewis Jose Julio de Freitas Coutinho José Leopoldo de Bulhões Jardim L. Samuel Pedro Leão Velloso Filho Leoncio Correia Leonel Rocha Leovigildo Ipiranga Amorim Filgueiras Luiz H. Lins de Almeida M. Torres M. Wicks Nuno Ferreira de Andrade Jose d'Oliveira Coelho Pedro José Oliveira Pires Ramos Junior Saldanha Innocêncio Serzedello Corrêa Tobias Monteiro</p>	
	<p>Uso de etimologizações em torno de 2% e taxa de acerto entre 60% a 80%</p>	<p>João Pinto Leite Manuel José de Almeida Felizardo José de Faria</p>	<p>Agnello Leite Alfredo Maia Alipio de Miranda Ribeiro Alvaro Appio de Carvalho Antonio Augusto Cardoso de Castro Arthur A. Evertoso Belisario Teixeira Silva Tavora João Pandiá Calógeras Carolina Pinto Guimarães Eduardo Francisco Mendes da Rocha J. Cordeiro da Graça Monsenhor Guedelha Mourão</p>	
	<p>Uso de etimologizações em torno de 3% e taxa de acerto em torno de 80%</p>			
 maior habilidade	<p>Uso de etimologizações acima de 4% e taxa de acerto acima de 90%</p>			

Fonte: elaboração própria, a partir de Barbosa (2006) e de Grimm (2018).

A maior parte dos escreventes, como pôde ser constatado, está situada em um nível intermediário de habilidade com a escrita em relação ao uso da prática etimologizante, considerada como de prestígio, para o período.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, buscou-se descrever as grafias etimológicas e pseudoetimológicas em cartas pessoais dos séculos XIX e XX, através da verificação das taxas de uso e de erro e de acerto, como método para contribuir com a identificação de seu perfil mais especificamente, do seu nível de letramento. Foi considerado o uso de etimologias, como marca de uma norma escrita de prestígio, através da metodologia proposta por Barbosa (2006) e Barbosa e Lima (2019), em documentos dos acervos Cartas particulares do Recôncavo da Bahia, Cartas para Severino Vieira, Cartas do Acervo Dr. João da Costa Pinto Victória e Cartas em Sisal. Este trabalho apresenta uma proposta, portanto, ainda pouco estudada na perspectiva do trabalho de constituição de *corpora*, no âmbito da Sociolinguística Histórica e da História Social da Cultura Escrita.

Nas Cartas do Recôncavo disponibilizadas pelo projeto CE-DOHS, foram identificadas 53 etimologizações, 44 apresentaram verdadeiras e 9 etimologizações falsas. No acervo Cartas de Severino Vieira, foram observadas 111 palavras, 104 etimologizações verdadeiras e 7 falsas. Nas cartas de Dr. João da Costa Pinto, foram observadas 31 palavras, 30 etimologizações verdadeiras e apenas 1 falsa. Nas Cartas em Sisal, de escreventes pouco hábeis, foram observados poucos registros de etimologizações, apenas alguns dados nas cartas do início do século XX.

Os resultados da análise demonstram índices baixos de etimologização gráfica, assim como, de modo geral, poucos casos de pseudoetimologizações, uma vez que a maior parte dos escreventes estava inserida em redes de práticas de escrita da época, e percebe-se que o número de acertos foi bem maior que o número de erros, como se esperava. A expectativa inicial foi confirmada, de que seria identificado um maior número de dados nos manuscritos do século XIX e do início do XX, já que à medida que o século XX avança, há uma maior tendência à normatização ortográfica.

A latinização mais frequente foia duplicação de consoantes, principalmente as grafias com *ll*, pela alta frequência de palavras como *elle/a*, *della*, *illustre*, *illustrissimo*. Assim, percebe-se que os redatores mantiveram a influência da escrita latina oficial, apresentando, dessa forma, um grau de conhecimento da norma culta da sua época, adquirida de forma escolar e/ou pelo contato com os materiais de leitura do período.

Em relação ao perfil dos escreventes, a maior parte pode ser caracterizada em níveis intermediários de habilidade com a escrita, em relação ao uso da prática de escrita

etimológica. A comparação entre os acervos e entre os escreventes de cada *corpus* não é equilibrada, já que há uma variação considerável na quantidade de palavras de cada carta e na quantidade de cartas de cada acervo.

Outras possibilidades se estabelecem a partir deste estudo, como a necessidade de refinar a metodologia, a partir da proposta de Barbosa e Lima (2019), considerando os níveis de aplicabilidade de regras de uso para as grafias etimológicas. Além disso, uma possibilidade é verificar se os escreventes destes acervos possuem outras características que são próprias das práticas gráficas da época, assim como verificar, comparativamente, os dados de etimologizações de escreventes com menos familiaridade com a técnica da escrita.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Afrânio Gonçalves. O controle de marcas de inabilidade na escrita alfabética e a identificação das mãos inábeis em *corpora* histórico-diacrônicos. *Revista da ABRALIN*, v.16, n.2, p. 19-43, Jan./Fev./Mar./Abril de 2017. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/51997/32039>. Acesso em: 20 set. 2021.
- BARBOSA, Afrânio Gonçalves. Tratamento dos *corpora* de sincronias passadas da língua portuguesa no Brasil: recortes grafológicos e linguísticos. In: LOBO, Tânia et al. (org.). *Para a História do Português Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2006. p. 761-780.
- BARBOSA, Afrânio Gonçalves; LIMA, Alexandre Xavier. O controle indireto de perfis sócio-históricos em *corpora* histórico-diacrônicos: a identificação de graus de letramento pela grafia etimológica no século XIX. In: CASTILHO, Ataliba T. de. (cord.). *História do Português Brasileiro - v. 2. Corpus diacrônico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2019. p. 168-205.
- BARREIROS. Patrício Nunes. Por uma abordagem da história cultural das práticas de escrita na edição de textos. *Alea*. Rio de Janeiro. Vol. 19/2. p. 389-414. mai-ago. 2017.
- BERLINCK, Rosane de Andrade; BARBOSA, Juliana Bertucci; MARINE, Talita de Cássia. Reflexões teórico-metodológicas sobre fontes para o estudo histórico da língua. *Revista da ABRALIN*, v. 7, n. 2, p. 169-195, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/995>. Acesso em: 15 jul. 2022.
- CAFÉ FILOLÓGICO: Márcia Rumeu. Laboratório de Estudos Filológicos, UFRJ, 2020. Disponível em: <https://labefil.letras.ufrj.br/2020/05/17/cafe-filologico-marcia-rumeu/>. Acesso em: 07 de março. 2023.
- CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais (org.). *Cartas brasileiras (1809-2000): coletânea de fontes para o estudo do português*. Feira de Santana: UEFS, 2011.
- CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais; LACERDA, Mariana Fagundes de Oliveira (org.). CE-DOHS - Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão (2012-2025). Disponível em: <http://www.uefs.br/cedohs>. Acesso em: 20 set. 2021.
- CASTILLO GÓMEZ, Antonio (coord.). *Historia de la cultura escrita: del próximo oriente antiguo a la sociedad informatizada*. España: Trea, 2001.
- CASTILLO GÓMEZ, Antonio. Historia de la cultura escrita: ideas para el debate. *Revista Brasileira de História da Educação*, n. 5, 2003, p. 93-124. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/267990544_Historia_de_la_cultura_escrita_ideas_para_el_debate. Acesso em: 15 jul. 2022.
- CASTILLO GÓMEZ, Antonio; SÁEZ, Carlos. Paleografía versus alfabetización. Reflexiones sobre historia social de la cultura escrita. *Signo - Revista de Historia de la Cultura Escrita*, n. 1, 1994, p. 133-168.

CASTRO, Ivo. *Introdução à história do português – Geografia da língua, português antigo*. Lisboa: Edições Colibri, 2004.

CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e história: Conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antônio Saborit*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CONDE SILVESTRE, Juan Camilo. *Sociolinguística Histórica*. Madrid: Editorial Gredos, 2007.

CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1996.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. História das culturas do escrito: tendências e possibilidades de pesquisa. In: MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei T. (org.). *Cultura escrita e letramento*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 218-248.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Oralidade, memória e narrativa: elementos para a construção de uma história da cultura escrita. In: GALVÃO, Ana Maria de Oliveira et al. (org.). *História da cultura escrita: séculos XIX e XX*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007. p. 9-46.

GRIMM, Carolina. *Uso de formas etimologizadas como critério de grau de cultura de redatores oitocentistas do português brasileiro*. 2018. TCC (Bacharelado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

JOSEPH, Brian D.; JANDA, Richard D. (ed.). *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell Publishing, 2003.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, William. *Principles of linguistic change: internal factors*. v. 1. Cambridge: Blackwell, 1994.

LASS, Roger. *Historical linguistics and language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

LE GOFF, Jacques. *História e memória* [Tradução: Bernardo Leitão et al.]. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990 [1924].

LIMA, Alexandre. *Descrição da ortografia portuguesa: a inserção do princípio etimológico na prescrição e na prática gráficas oitocentistas*. 2014. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

LOBO, Tânia Conceição Freire. *Para uma sociolinguística histórica do português no Brasil: edição filológica e análise linguística de cartas particulares do Recôncavo da Bahia, século XIX*. 2001. 4v. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

LOPES, C. R. S.; RUMEU, M. C. B. A identificação dos perfis socioculturais dos redatores de corpora históricos: encaminhamentos metodológicos. *DIADORIM* (Rio de Janeiro), v. 20, p. 147-168, 2018. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/profs/marciarumeu/LopeseRumeu2018.pdf. Acesso em: 15 jul. 2022.

VILLALTA, Luiz Carlos. O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura, In: NOVAIS, Fernando A. Novais; SOUZA, Laura de Mello e Souza. *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 331-385.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa*. Vol. 2. Lisboa: Livros Horizonte. 1987.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Ensaio para uma Sócio-História do Português Brasileiro*. São Paulo, Parábola, 2004.

MONTGOMERY, Michael. *The Linguistic value of Ulster Emigrant Letters*. Ulster Folklife, n. 41, p. 1-16, 1995.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, 1955.

PETRUCCI, Armando. *La ciencia de la escritura: primera lección de paleografía*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina. 2003

PETRUCCI, Armando. Storia del la scrittura e del la società. *Anuario de Estudios Medievales - Escritura y cultura em la Edad Media*, vol. 21. p. 309-322, 1991.

ROMAINE, Suzanne. *Socio-historical linguistics: its status and methodology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009 [1982].

ROSA, Eliane. Sociolinguística Histórica. *Revista de Letras*. Curitiba. v.17, n. 21. p. 1-17jul./dez, 2015.

SANTIAGO, Huda da Silva; LACERDA, Mariana F.de Oliveira; BRITO, Rosana Carvalho; CARNEIRO, Zenaide de O. Novais. CE-DOHS: um banco de dados sociolinguísticos para a história do português brasileiro. *LaborHistórico*, Rio de Janeiro, 7 (Especial), p. 311-329, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufjf.br/index.php/lh/article/view/41640>. Acesso em: 01 mar. 2022.

SANTIAGO, Huda da Silva. *A escrita por mãos inábeis: uma proposta de caracterização*. 2019. 726 f. Tese(Doutorado em Língua e Cultura) – Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

SILVA, Ana Paula Araujo. Breve história da ortografia portuguesa: períodos, reformas e acordos. *Revista de Villegagnon*, ano IV, v. 4, 2009, p. 56-61.

SOCIOLINGUÍSTICA histórica no Brasil: caminhos e desafios. Conferência apresentada por Célia Lopes, Rosane Berlinck e Huda Santiago [s.l., s.n.], 2020. 1 vídeo (1h 49m 20s).

Publicado pelo canal da Associação Brasileira de Linguística. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nE4i53QDacE>.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. [Trad. Marcos Bagno]. São Paulo: Parábola, 2006.

Anexo A – Informações sobre o acervo *Cartas particulares do Recôncavo da Bahia* (1818-1886)

Cota do arquivo	N.	Data	Local	Remetente	Destinatário	Nascido(N) Radicado(R)	Quantidade de Palavras
01-FJF-08-09-1853.xml	01	08 de Agosto de 1853		Felizardo José de Faria	João Pinto Leite	Braga, Portugal	198
01-JPL-18-10-1847.xml	02	18 de outubro de 1847		João Pinto Leite	Ana Constança do Coração de Maria	Porto, Portugal	274
01-MJA-18-04- 1848.xml	03	18 de Abril de 1848		Manuel José de Almeida	João Pinto Leite	Portugal	221
01-Remetente-01- 01.xml	04	02/09/1836	Bahia	Ana Constança do Coração de Maria	Maria Francisca da Conceição e Aragão	Santo Amaro- BA, Brasil	191
02-JPL-03-12-1847.xml	05	3 de Dezembro de 1847		João Pinto Leite	Anna Constança do Coração de Maria	Porto, Portugal	236
02-MJA-16-06- 1848.xml	06	16 de Junho de 1848		Manuel José de Almeida	João Pinto Leite	Portugal	302
02-Remetente-01- 02.xml	07	02/09/1836	Bahia	Ana Constança do Coração de Maria	Catharina de Aragão	Santo Amaro- BA, Brasil	177
03-JPL-13-02-1848.xml	08	13 de Fevereiro 1848		João Pinto Leite	Ana Constança do Coração de Maria	Porto, Portugal	173
03-Remetente-01- 03.xml	09	02/09/1836	Bahia	Ana Constança do Coração de Maria	Joaquim d'Ávila Pereira	Santo Amaro- BA, Brasil	195
04-JPL-01-04-1848.xml	10	01 de Abril de 1848		João Pinto Leite	Ana Constança do Coração de Maria	Porto, Portugal	330
04-Remetente-01- 04.xml	11	14/07/1840	Bahia	Ana Constança do Coração de Maria	Francisco Rodrigues de Assis	Santo Amaro- BA, Brasil	184
05-JPL-04-04-1848.xml	12	04 de Abril de 1848		João Pinto Leite	Ana Constança do Coração de Maria	Porto, Portugal	150
05-Remetente-01- 05.xml	13	26/01/1853		Ana Constança do Coração de Maria	Maria Joaquina Epifania de São Jose e Aragão	Santo Amaro- BA, Brasil	392
06-JPL-10-04-1848.xml	14	10 de Abril de 1848	Santo	João Pinto Leite	Ana Constança do Coração de	Porto,	235

			Amaro		Maria	Portugal	
06-Remetente-12-01.xml	15	08 de Agosto de 1853		Felizardo José de Faria	João Pinto Leite	Braga, Portugal	199
07-JPL-03-09-1848.xml	16	3 de Setembro de 1848		João Pinto Leite	Ana Constança do Coração de Maria	Porto, Portugal	216
07-Remetente-25-01.xml	17	18 de outubro de 1847		João Pinto Leite	Ana Constança do Coração de Maria	Porto, Portugal	274
08-JPL-16-11-1848.xml	18	16 de Novembro de 1848		João Pinto Leite	Ana Constança do Coração de Maria	Porto, Portugal	169
08-Remetente-25-02.xml	19	3 de Dezembro de 1847		João Pinto Leite	Anna Constança do Coração de Maria	Porto, Portugal	236
09-JPL-28-04-1849.xml	20	28 de Abril 1849	Santo Amaro	João Pinto Leite	Ana Constança do Coração de Maria	Porto, Portugal	146
09-Remetente-25-03.xml	21	13 de Fevereiro 1848		João Pinto Leite	Ana Constança do Coração de Maria	Porto, Portugal	173
10-JPL-2-05-1849.xml	22	2[.] de Maio 1849	Santo Amaro	João Pinto Leite	Ana Constança do Coração de Maria	Porto, Portugal	244
10-Remetente-25-04.xml	23	01 de Abril de 1848		João Pinto Leite	Ana Constança do Coração de Maria	Porto, Portugal	332
11-JPL-09-07-1849.xml	24	9 de Julho 1849	Santo Amaro	João Pinto Leite	Maria Clementina da Costa	Porto, Portugal	284
11-JPL-21-06-1849.xml	25	21 de Junho 1849		João Pinto Leite	Ana Constança do Coração de Maria	Porto, Portugal	385
12-JPL-09-07-1849.xml	26	9 de Julho 1849	Santo Amaro	João Pinto Leite	Maria Clementina da Costa	Porto, Portugal	284
13-JPL-16-07-1849.xml	27	16 de Julho 1849	Bahia	João Pinto Leite	Ana Constança do Coração de Maria	Porto, Portugal	389
14-JPL-07-1849.xml	28			João Pinto Leite	Zacarias de Góis e Vasconcelos	Porto, Portugal	180
15-JPL-26-12-1849.xml	29	26 de Dezembro 1849	Santo	João Pinto Leite	Ana Constança do Coração de	Porto,	476

			Amaro		Maria	Portugal	
39-JPL-03-09-1857.xml	30	03 de Setembro 1857		João Pinto Leite	Ana Constança do Coração de Maria	Porto, Portugal	203
40-JPL-13-09-1857.xml	31	13 de Setembro 1857		João Pinto Leite	Anna Constança do Coração de Maria	Porto, Portugal	143
41-JPL-03-12-1858.xml	32	03 de Dezembro 1858		João Pinto Leite	Ana Constança do Coração de Maria	Porto, Portugal	610
42-JPL-19-10-1860.xml	33	19 de Outubro 1860		João Pinto Leite	Ana Constança do Coração de Maria	Porto, Portugal	261
43-JPL-SEMDATA.xml	34			João Pinto Leite	Ana Constança do Coração de Maria	Porto, Portugal	266
44-JPL-13-04-1861.xml	35	13 de Abril 1861		João Pinto Leite	Ana Constança do Coração de Maria	Porto, Portugal	183
45-JPL-21-07-1861.xml	36	21 de Julho 1861	Santo Amaro	João Pinto Leite	Ana Constança do Coração de Maria	Porto, Portugal	949
46-JPL-2-07-1861.xml	37			João Pinto Leite	Ana Constança do Coração de Maria	Porto, Portugal	419
47-JPL-18-08-1861.xml	38	18 de Agosto 1861	Santo Amaro	João Pinto Leite	Ana Constança do Coração de Maria	Porto, Portugal	356
48-JPL-27-09-1861.xml	39	27 de Setembro 1861	Santo Amaro	João Pinto Leite	Ana Constança do Coração de Maria	Porto, Portugal	198
49-JPL-SEMDATA.xml	40			João Pinto Leite	Ana Constança do Coração de Maria	Porto, Portugal	519
50-JPL-SEMDATA.xml	41			João Pinto Leite	Ana Constança do Coração de Maria	Porto, Portugal	200
51-JPL-SEMDATA.xml	42			João Pinto Leite	Ana Constança do Coração de Maria	Porto, Portugal	369
						Total:	11.921

Fonte: Adaptado, a partir de informações do site CE-DOHS

Anexo B – Informações sobre o acervo *Cartas para Severino Vieira, governador da Bahia (1901-1902)*

Cota do arquivo	Data	Local	Remetente	Destinatário	Nascido(N) Radicado(R)	Palavras
209-2AL-07-03-1902.xml	7 de março de 1902	Bahia, Alto Sertão	Agnello Leite	Severino Vieira		382
210-2A-22-10-1902.xml	22 de outubro de 1902	Paris	Alfredo Maia	Severino Vieira		164
211-2AMP-28-10-1901.xml	28 de outubro de 1901	Rio de Janeiro	Alfredo Moreira Pinto	Severino Vieira		183
212-2AMP-20-02-1902.xml	20 de fevereiro de 1902	Rio de Janeiro, Capital Federal	Alfredo Moreira Pinto	Severino Vieira		519
213-2MP-23-05-1902.xml	23 de maio de 1902	Capital	Alfredo Pinto	Severino Vieira		144
214-2AMR-17-12-1901.xml	17 de dezembro de 1901	Rio de Janeiro	Alipio de Miranda Ribeiro	Severino Vieira (Governador do Estado da Bahia)	Rio Preto, MG.	172
215-2AAC-18-10-1902.xml	18 de outubro de 1902	Frutal, Minas Gerais	Alvaro Appio de Carvalho	Severino Vieira		201
216-2ATFA-05-10-1901.xml	5 de outubro de 1901	Rio de Janeiro	Anna Autran	Severino Vieira (Governador do Estado da Bahia)	Salvador, BA	434
217-2AACC-20-09-1902.xml	20 de setembro de 1902	Rio de Janeiro, Capital Federal	Antonio Augusto Cardoso de Castro	Severino Vieira		323
218-2AJM-27-10-1902.xml	27 de outubro de 1902	S.C./ Engenho Novo	Antonio José Marques	Severino Vieira		279
219-2AFPCA-03-07-1901.xml	3 de julho de 1901	Rio de Janeiro	Aragão	Severino Vieira		1349
220-2AFPCA-12-09-	12 de setembro de 1901	Rio de Janeiro	Francisco Pires	Severino Vieira		542

1901.xml			DeCarvalho/ Aragão			
221-2AAE-22-09-1902.xml	22 de setembro de 1902	Rio de Janeiro	Arthur A. Evertoso	Severino Vieira		145
222-2AR-02-04-1902.xml	2 de abril de 1902	Rio de Janeiro	Arthur César Rios	Severino Vieira (Governador do Estado da Bahia)	Salvador, BA	292
223-2ASR-20-08-1901.xml	20 de agosto de 1901	Bahia	Augusto da Silva Ribeiro	Severino Vieira		697
224-2BAFR-17-09-1.xml	17 de setembro de 1901 ou 1902	Rio de Janeiro	B.Araj. Farias Rocha	Severino Vieira		535
225-2BT-21-06-1901.xml	21 de Junho 1901	Rio de Janeiro	Manuel Gomes Ribeiro (Barão de Traipú)	Severino Vieira (Governador do Estado da Bahia)	Estância, SE	167
226-2BFT-16-08-1901.xml	16 de agosto de 1901	Rio de Janeiro	Belisario Teixeira Silva Tavora	Severino Vieira		240
227-2JPC-17-01-1902.xml	17 de janeiro de 1902	Bello Horizonte	João Pandiá Calógeras (Calogeras)	Severino Vieira (Governador do Estado da Bahia)	Rio de Janeiro	220
228-2JPC-14-02-1902.xml	14 de fevereiro de 1902	Bello Horizonte	João Pandiá Calógeras (Calogeras)	Severino Vieira (Governador do Estado da Bahia)	Rio de Janeiro	528
229-2JPC-22-03-1902.xml	22 de março de 1902	Bello Horizonte	João Pandiá Calógeras (Calogeras)		Rio de Janeiro	236
230-2CBPG-24-05-1901.xml	24 de maio de 1901 ou 1902	Rio de Janeiro	Carolina Pinto Guimarães	Severino Vieira		286
231-2CBPG-28-08-1901.xml	28 de agosto de 1901	Rio de Janeiro	Carolina Buarque Pinto Guimarães	Severino Vieira		264
232--2CBPG-9-4-1902.xml	9 de abril de 1902	Rio de Janeiro	Carolina Pinto Guimarães	Severino Vieira		211

233-2DGM-17-08-1901.xml	17 de Agosto de 1901	Bahia	Dionisyo Gonçalves Martins	Severino Vieira (Governador do Estado da Bahia)	Santo Amaro, BA	264
234-2DCM-29-07-1901.xml	29 de julho de 1901	Bahia	Domingos C. De Moraes	Severino Vieira		151
235-2DO-16-10-1902.xml	16 de outubro de 1902	Rio de Janeiro	Domingos Olympio	Severino Vieira		206
236-2ETSI-9-8-1901.xml	9 de agosto de 1901	Bahia	Dr. Emilio Teixeira Santos Imbassahy	Severino Vieira		399
237-2HA-8-10-1902.xml	8 de outubro de 1902	Bahia	Dr. Henrique Autran	Severino Vieira		118
238-2JCT-29-04-1901.xml	29 de abril de 1901	Rio de Janeiro	Dr. Joaquim Carlos Travassos	Severino Vieira		221
239-2ERR-24-10-1901.xml	24 de Outubro 1901	Rio de Janeiro	Eduardo	Severino Vieira (Governador do Estado da Bahia)	Salvador, BA	118
240-2EP-21-10-1901.xml	21 de Outubro de 1901	Rio de Janeiro	Epitacio Pessoa	Severino Vieira (Governador do Estado da Bahia)	Umbuzeiro, Paraíba do Norte	272
241-2EP-06-01-1902.xml	Rio 6 de Janeiro de 1902	Rio de Janeiro	Epitacio Pessôa	Severino Vieira (Governador do Estado da Bahia)	Umbuzeiro, Paraíba do Norte.	131
242-2FMR-02-07-1901.xml	02 de julho de 1901	Rio de Janeiro	Francisco Mendes da Rocha	Severino Vieira (Governador do Estado da Bahia)	Bahia	387
243-2FMR-19-07-1901.xml	19 de julho de 1901	Rio de Janeiro	Francisco Mendes da Rocha	Severino Vieira (Governador do Estado da Bahia)	Bahia	357
244-2FMR-18-08-1901.xml	18 de agosto de 1901	Rio de Janeiro	Francisco Mendes da Rocha	Severino Vieira (Governador do Estado da Bahia)	Bahia	321

				Bahia)		
245-2FMR-27-08-1901.xml	27 Agosto 1901	Rio de Janeiro	Francisco Mendes da Rocha	Severino Vieira (Governador do Estado da Bahia)	Bahia	273
246-2FMR-14-09-1901.xml	14 de setembro de 1901	Rio de Janeiro	Francisco Mendes da Rocha	Severino Vieira (Governador do Estado da Bahia)	Bahia	276
247-2FMR-02-10-1901.xml	02 de outubro de 1901	Rio de Janeiro	Francisco Mendes da Rocha	Severino Vieira (Governador do Estado da Bahia)	Bahia	366
248-2FMR-02-10-1901.xml	02 de outubro de 1901	Rio de Janeiro	Francisco Mendes da Rocha	Severino Vieira (Governador do Estado da Bahia)	Bahia	209
249-2FMR17-11-1901.xml	carta	Rio de Janeiro	Francisco Mendes da Rocha	Severino Vieira (Governador do Estado da Bahia)	Bahia	529
250-2FMR-30-12-1901.xml	30 de dezembro de 1901	Rio de Janeiro	Francisco Mendes da Rocha	Severino Vieira (Governador do Estado da Bahia)	Bahia	972
251-2FMR-03-01-1902.xml	03 de janeiro de 1902	Rio de Janeiro	Francisco Mendes da Rocha	Severino Vieira (Governador do Estado da Bahia)	Bahia	468
252-2FMR-08-01-1902.xml	08 de janeiro de 1902	Rio de Janeiro	Francisco Mendes da Rocha	Severino Vieira (Governador do Estado da Bahia)	Bahia	500
253-2FMR-09-01-1902.xml	09 de janeiro de 1902	Rio de Janeiro	Francisco Mendes da Rocha	Severino Vieira (Governador do Estado da Bahia)	Bahia	614
254-2FMR-24-02-1902.xml	24 de fevereiro de 1902	Rio de Janeiro	Francisco Mendes da Rocha	Severino Vieira (Governador do Estado da Bahia)	Bahia	405

255-2FMR-28-02-1902.xml	28 de fevereiro de 1902	Rio de Janeiro	Francisco Mendes da Rocha	Severino Vieira (Governador do Estado da Bahia)	Bahia	631
256-2FMR-05-03-1902.xml	05 de março de 1902	Rio de Janeiro	Francisco Mendes da Rocha	Severino Vieira (Governador do Estado da Bahia)	Bahia	319
257-2FMR-14-03-1902.xml	14 de março de 1902	Rio de Janeiro	Francisco Mendes da Rocha	Severino Vieira (Governador do Estado da Bahia)	Bahia	723
258-2FMR-18-03-1902.xml	18 de março de 1902	Rio de Janeiro	Francisco Mendes da Rocha	Severino Vieira (Governador do Estado da Bahia)	Bahia	634
259-2FMR-19-03-1902.xml	19 de março de 1902	Rio de Janeiro	Francisco Mendes da Rocha	Severino Vieira (Governador do Estado da Bahia)	Bahia	200
260-2FMR-24-03-1902.xml	24 de março de 1902	Rio de Janeiro	Francisco Mendes da Rocha	Severino Vieira (Governador do Estado da Bahia)	Bahia	957
261-2FMR-1-04-1902.xml	1 de abril de 1902	Rio de Janeiro	Francisco Mendes da Rocha	Severino Vieira		725
262-2FMR-14-04-1902.xml	14 de abril de 1902	Rio de Janeiro	Francisco Mendes darocha	Severino Vieira		977
263-2FMR-sem-data.xml	sem data	sem local	Francisco Mendes darocha	Severino Vieira		867
264-2GBL-29-10-1902.xml	29 de outubro de 1902	Rio de Janeiro	Geraldo Barbosa Lima	Severino Vieira		237
265-2GC-12-03-1902.xml	12 de março de 1902	Rio de Janeiro	Gustavo Camara	Severino Vieira		380
266-2GC-20-09-1902.xml	20 de setembro de 1902	Rio de Janeiro	Gustavo Camara	Severino Vieira		197

267-2HCP-28-08-1901.xml	28 de agosto de 1901	Rio de Janeiro	Hermann Carlos Palmeira	Severino Vieira		300
268-2IM-23-06-1901.xml		Rio de Janeiro	Irineu	Severino Vieira		338
269-2IM-12-10-1902.xml	12 de outubro de 1902	Rio de Janeiro	Irineu Machado	Severino Vieira		201
270-2JCG-12-08-1901.xml	12 de agosto de 1901	Rio de Janeiro	J Cordeiro da Graça (Carta assinada por J. Cordeiro da Graça e escrita por outra mão)	Severino Vieira (Governador do Estado da Bahia)		151
271-2JBL-10-08-1901.xml	10 de Agosto de 1901	Rio de Janeiro	João Batista de Lacerda	Severino Vieira (Governador do Estado da Bahia)	Campos, RJ	465
272-2JK-01-08-1901.xml	01 de agosto de 1901	Rio de Janeiro	João [Käpk ou Köpke]	Severino Vieira (Governador do Estado da Bahia)	Petrópolis, RJ	747
273-2JK-16-09-1901.xml	16 de setembro de 1901	Rio de Janeiro	João [Käpk ou Köpke]	Severino Vieira (Governador do Estado da Bahia)	Petrópolis, RJ	1943
274-2JK-22-11-1901.xml	22 de novembro de 1901	Rio de Janeiro	João [Käpk ou Köpke]	Severino Vieira (Governador do Estado da Bahia)	Petrópolis, RJ	933
275-2JK-12-03-1902.xml	12 de março de 1902	Rio de Janeiro	João [Käpk ou Köpke]	Severino Vieira (Governador do Estado da Bahia)	Petrópolis, RJ	507
276-2JPD-4-01-1902.xml	20 de junho de 1901	Rio de Janeiro	João Pereira Drumond	Severino Vieira		306
277-2JCB-20-06-1901.xml	20 de junho de 1901		Joaquim da Costa Barros	Severino Vieira		235
278-2JMS-28-09-	28 de setembro de 1902	Sem local	Joaquim Mendes de	Severino Vieira		606

1902.xml			Souza			
279-2JMS-4-03-1902.xml	4 de março de 1902	Sem local	Joaquim Mendes de Souza	Severino Vieira		372
280-2JTL-13-03-1902.xml	13 de março de 1902	Sem local	John T. Lewis	Severino Vieira		240
281-2JD-28-09-1902.xml	28 de setembro de 1902	Rio de Janeiro	José Doria	Severino Vieira		752
282-2JJFC-03-11-1902.xml	03 de novembro de 1902	Pernambuco	Jose Julio de Freitas Coutinho	Severino Vieira (Governador do Estado da Bahia)	Rio de Janeiro	295
283-2LB-10-10-1902.xml	10 de outubro de 1902	Rio de Janeiro	José Leopoldo de Bulhões Jardim	Severino Vieira (Governador do Estado da Bahia)	Goiás	141
284-2LS-11-10-1901-1.xml	11 de outubro de 1901	Rio de Janeiro	L. Samuel	Severino Vieira		112
285-2LS-27-10-1901.xml	27 de outubro de 1901	Rio de Janeiro	L. Samuel	Severino Vieira		181
286-2LVF-08-03-1902.xml	08 de março de 1902	Rio de Janeiro	Pedro Leão Velloso Filho	Severino Vieira (Governador do Estado da Bahia)	Itapicuru/ou Inhambupe (?), BA	118
287-2LC-28-10-1902.xml		Petrópolis	Leoncio Correia	Severino Vieira		525
288-2LR-6-11-1901.xml	6 de novembro de 1901	Rio de Janeiro	Leonel Rocha	Severino Vieira		147
289-2LIAF-27-09-1902.xml	27 de setembro de 1902	Rio de Janeiro	Leovigildo Ipiranga Amorim Filgueiras	Severino Vieira (Governador do Estado da Bahia)	Salvador, BA	1442
290-2LHLA-21-03-1902.xml		Rio de Janeiro	Luiz H. Lins de Almeida	Severino Vieira		358
291-2MT-13-03-		Bahia	M. Torres	Severino Vieira		170

1902.xml						
292-2MW-13-03-1902.xml	13 de março de 1902		M. Wicks	Severino Vieira		633
293-2MW-25-09-1902.xml	25 de setembro de 1902	Sem local	M. Wicks	Severino Vieira		180
294-2MCR-04-09-1902.xml	24 de setembro de 1902	Rio de Janeiro	Manoel Coelho Rodrigues	Severino Vieira (Governador do Estado da Bahia)	Piauí	1594
295-2MSF-23-09-1902.xml		Distrito Federal	Milciades de Sá Freire e Augusto de Vasconcellos	Severino Vieira		259
296-2DCGM-1-03-1902.xml		Rio Vermelho	Monsenhor Guedelha Mourão	Severino Vieira		151
297-2NFA-12-03-1902.xml	12 de março de 1902	Rio de Janeiro	Nuno Ferreira de Andrade	Severino Vieira (Governador do Estado da Bahia)	Rio de Janeiro	751
298-2NFA-02-04-1902.xml	02 de abril de 1902	Santa Catarina	Nuno Ferreira de Andrade	Severino Vieira (Governador do Estado da Bahia)	Rio de Janeiro	93
299-2JOC-20-03-1902.xml	20 de março de 1902	Rio de Janeiro	Jose d'Oliveira Coelho	Severino Vieira (Governador do Estado da Bahia)		280
300-2PJO-11-08-901.xml	11 de agosto de 1901	Rio de Janeiro	Pedro José Oliveira	Severino Vieira		419
301-2P-20-09-1901.xml	20 de setembro de 1901	Pelotas	Pires	Severino Vieira		310
302-2RJ-24-01-1902.xml	24 de janeiro de 1902	Rio de Janeiro	Ramos Junior	Severino Vieira (Governador do Estado da Bahia)	Sem naturalidade	689
303-2RS-15-11-1901.xml	15 de novembro de 1901	Rio de Janeiro	Saldanha	Severino Vieira		581

304-2RS-16-11-1901.xml	16 de novembro de 1901	Rio de Janeiro	Saldanha	Severino Vieira		665
305-2RS-17-12-1901.xml	17 de dezembro de 1901	Rio de Janeiro	Saldanha	Severino Vieira		962
306-2RS-27-02-1902.xml	27 de fevereiro de 1902	Rio de Janeiro	Saldanha	Severino Vieira		278
307-2RS-4-03-1902.xml	4 de março de 1902	Rio de Janeiro	Saldanha	Severino Vieira		171
308-2ISC-23-10-901.xml	23 de outubro de 1901	sem local	Innocêncio Serzedello Corrêa	Severino Vieira (Governador do Estado da Bahia)	Belém, PA	105
309-2TM-16-11-1902.xml	26 de novembro de 1902	Rio de Janeiro	Tobias Monteiro	Severino Vieira (Governador do Estado da Bahia)	Natal, RN	265
310-2TM-26-10-1902.xml	26 de outubro de 1902	Rio de Janeiro	Tobias Monteiro	Severino Vieira (Governador do Estado da Bahia)	Natal, RN	350
Total:						43238

Fonte: Site CE-DOHS.

Anexo C – Informações sobre o acervo *Cartas do Acervo Dr. João da Costa Pinto Victória* (1911-1958).

Cota do arquivo	Data	Local	Remetente	Destinatário	Nascido(N)/Ra dicado(R)	Quantidade de palavras
01-ATW-03-02-1917.xml	03 de fevereiro de 1917	Roçado	Antonia Thereza Wanderley	Yáyá	Salvador	546
02-ATW-10-01-1922.xml	Angico, 10 de Janeiro 1922	Angico	Antonia Thereza Wanderley	Maria	Salvador	314
03-ATW-26-06-1922.xml	26 de junho de 1922	Bahia	Antonia Thereza Wanderley	Maria	Salvador	322
04-ATW-14-08-1922.xml	14 de agosto de 1922	Angico	Antonia Thereza Wanderley	Maria	Salvador	227
05-ATW-30-08-1922.xml	30 de agosto de 1922	Angico	Antonia Thereza Wanderley	Yáyá	Salvador	362
06-ATW-08-10-1922.xml	08 de outubro de 1922	Angico	Antonia Thereza Wanderley	Maria	Salvador	282
07-ATW-06-12-1922.xml	06 de dezembro de 1922	Angico	Antonia Thereza Wanderley	Maria	Salvador	546
08-ATW-26-12-1922.xml	26 de dezembro de 1922	Angico	Antonia Thereza Wanderley	Yáyá	Salvador	364
09-ATW-04-02-1923.xml	04 de fevereiro de 1923	Angico	Antonia Thereza Wanderley	Maria	Salvador	288
10-ATW-18-02-1923.xml	18 de fevereiro de 1923	Angico	Antonia Thereza Wanderley	Yáyá	Salvador	164
100-VOV-02-05-1935.xml	02 de maio de 1935	Rio de Janeiro	Virginia Ottoni Vieira	Yáyá	Rio de Janeiro	128
101-VOV-05-07-1935.xml	05 de julho de 1935	Rio de Janeiro	Virginia Ottoni Vieira	Yáyá	Rio de Janeiro	256
102-VOV.xml	sem data	sem local	Virginia Ottoni Vieira	Aracy	Rio de Janeiro	98
11-ATW-06-01-	06 de janeiro de 1928	Serrinha	Antonia Thereza	Maria	Salvador	405

1928.xml			Wanderley			
12-ATW-12-02-1928.xml	12 de fevereiro de 1928	Serrinha	Antonia Thereza Wanderley	Yáyá	Salvador	891
13-ATW-16-12-1931.xml	16 de dezembro de 1931	Roçado	Antonia Thereza Wanderley	Yáyá	Salvador	256
14-ATW-19-10-1933.xml	19 de outubro de 1933	Bahia	Antonia Thereza Wanderley	Maria	Salvador	519
15-ATW-04-05-1934.xml	04 de maio de 1934	Bahia	Antonia Thereza Wanderley	Yáyá	Salvador	254
16-ATW-12-06-1934.xml	12 de junho de 1934	Bahia	Antonia Thereza Wanderley	Yáyá	Salvador	473
17-ATW-23-06-1934.xml	23 de junho de 1934	Bahia	Antonia Thereza Wanderley	Yáyá	Salvador	489
18-ATW-04-07-1934.xml	04 de julho de 1934	Bahia	Antonia Thereza Wanderley	Yáyá	Salvador	296
19-ATW-02-05-1938.xml	02 de maio de 1938	Bahia	Antonia Thereza Wanderley	Yáyá	Salvador	428
20-ATW-07-07-1938.xml	07 de julho de 1938	Bahia	Antonia Thereza Wanderley	Yáyá	Salvador	323
21-ATW-06-02-1939.xml	06 de fevereiro de 1939	Bahia	Antonia Thereza Wanderley	Yáyá	Salvador	209
22-ATW-17-02-1939.xml	17 de fevereiro de 1939	Bahia	Antonia Thereza Wanderley	Yáyá	Salvador	460
23-ATW-17-02-1939.xml	17 de fevereiro de 1939	Bahia	Antonia Thereza Wanderley	Yáyá	Salvador	369
24-ATW-17-04-1939.xml	23 de abril de 1939	Bahia	Antonia Thereza Wanderley	Yáyá	Salvador	543
25-ATW-25-06-1939.xml	25 de junho de 1939	Bahia	Antonia Thereza Wanderley	Yáyá	Salvador	425
26-ALP-24-04-1914.xml	24 de Abril de 1914	Conceição	Aracy Leonardo Pereira	Meu Padrinho	Salvador	92
27-ALP-25-03-1921.xml	25 de março de 1921	Santo Amaro	Aracy Leonardo Pereira	Meu Padrinho	Salvador	94
28-ALP-09-02-1940.xml	09 de fevereiro de 1940	Bahia	Aracy Leonardo Pereira	Minha Madrinha	Salvador	392

29-ALP-14-02-1940.xml	14 de fevereiro de 1940	Bahia	Aracy Leonardo Pereira	Minha Madrinha		349
30-ALP-23-02-1940.xml	23 de fevereiro de 1940	Bahia	Aracy Leonardo Pereira	Minha Madrinha	Salvador	258
31-ALP-11-06-1940.xml	11 de junho de 1940	Santo Amaro	Aracy Leonardo Pereira	Minha Madrinha	Salvador	351
32-ALP-1940.xml	1940	Bemfica	Aracy Leonardo Pereira	Minha Madrinha	Salvador	177
33-ALP-01-08-1940.xml	01 de agosto de 1943	Bahia	Aracy Leonardo Pereira	Minha Madrinha	Salvador	338
34-APL-20-10-1943.xml	20 de outubro de 1943	Santo Amaro	Aracy Leonardo Pereira	Minha Madrinha	Salvador	266
35-ALP-05-06-1944.xml	05 de junho de 1944	Bahia	Aracy Leonardo Pereira	Minha Madrinha	Salvador	203
36-ALP-23-08-1944.xml	23 de agosto de 1944	Bahia	Aracy Leonardo Pereira	Minha Madrinha	Salvador	352
37-APL-10-11-1944.xml	10 de novembro de 1944	Bahia	Aracy Leonardo Pereira	Minha Madrinha	Salvador	341
38-ALP-22-11-1944.xml	22 de novembro de 1944	Bahia	Aracy Leonardo Pereira	Minha Madrinha	Salvador	362
39-APL-12-12-1944.xml	12 de dezembro de 1944	Bahia	Aracy Leonardo Pereira	Minha Madrinha	Salvador	246
40-APL-14-12-1944.xml	14 de dezembro de 1944	Sem local	Aracy Leonardo Pereira	Minha Madrinha	Salvador	244
41-APL-06-03-1946.xml	6 de Março de 1946	Bahia	Aracy Leonardo Pereira	Minha Madrinha	Salvador	535
42-APL-07-03-1946.xml	7 de Março de 1946	Bahia	Aracy Leonardo Pereira	Minha Madrinha	Salvador	524
43-ALP-15-03-1946.xml	15 de março de 1946	Bahia	Aracy Leonardo Pereira	Minha Madrinha	Salvador	452
44-APL-29-12-1947.xml	29 de dezembro de 1947	Santo Amaro	Aracy Leonardo Pereira	Minha Madrinha	Salvador	140
45-APL-10-07-1948.xml	10 de julho de 1948	Santo Amaro	Aracy Leonardo Pereira	Minha Madrinha	Salvador	195
46-ALP-24-07-1948.xml	24 de julho de 1948	Santo Amaro	Aracy Leonardo	Minha Madrinha	Salvador	434

1948.xml			Pereira			
47-ALP-31-10-1948.xml	31 de outubro de 1948	Salvador	Aracy Leonardo Pereira	Minha Madrinha	Salvador	257
48-ALP-27-02-1951.xml	27 de fevereiro de 1951	Conceição	Aracy Leonardo Pereira	Minha Madrinha	Salvador	232
49-ALP-27-02-1951.xml	27 de fevereiro de 1951	Santo Amaro	Aracy Leonardo Pereira	Minha Madrinha	Salvador	175
50-ALP-07-03-1951.xml	07 de março de 1951	Salvador	Aracy Leonardo Pereira	Minha Madrinha	Salvador	476
51-ALP-19-03-1951.xml	19 de março de 1951	Salvador	Aracy Leonardo Pereira	Minha Madrinha	Salvador	462
52-ALP-08-04-1951.xml	08 de abril de 1951	Salvador	Aracy Leonardo Pereira	Minha Madrinha	Salvador	819
53-ALP-07-1951.xml	julho de 1951	sem local	Aracy Leonardo Pereira	Minha Madrinha	Salvador	165
54-ALP-24-03-1952.xml	24 de março de 1952	Salvador	Aracy Leonardo Pereira	23 de outubro de 1905	Salvador	228
55-ALP-16-04-1952.xml	16 de abril de 1952	Salvador	Aracy Leonardo Pereira	Minha Madrinha		510
56-ALP-28-04-1952.xml	28 de abril de 1952	Salvador	Aracy Leonardo Pereira	Minha Madrinha	Salvador	335
57-ALP-05-05-1952.xml	05 de maio de 1952	Bahia	Aracy Leonardo Pereira	Minha Madrinha	Salvador	542
58-ALP-12-05-1952.xml	19 de maio de 1952	Bahia	Aracy Leonardo Pereira	Minha Madrinha	Salvador	300
59-ALP-19-05-1952.xml	19 de maio de 1952	Salvador	Aracy Leonardo Pereira	Minha Madrinha	Salvador	701
60-ALP-26-05-1952.xml	26 de maio de 1952	Bahia	Aracy Leonardo Pereira	Minha Madrinha	Salvador	480
61-ALP-11-01-1953.xml						326
62-ALP-27-05-1953.xml	27 de maio de 1953	sem local	Aracy Leonardo Pereira	Minha Madrinha	Salvador	437
63-ALP-02-05-1955.xml	02 de maio de 1955	Bahia	Aracy Leonardo Pereira	Minha Madrinha	Salvador	721

64-APL-04-05-1955.xml	carta pessoal	Salvador	Aracy Leonardo Pereira	Minha Madrinha	Salvador	642
65-ALP-04-05-1995.xml	07 de maio de 1955	Salvador	Aracy Leonardo Pereira	Minha Madrinha	Salvador	448
66-ALP-25-05-1955.xml	25 de maio de 1955	Salvador	Aracy Leonardo Pereira	Minha Madrinha	Salvador	772
67-ALP-01-06-1955.xml	01 de junho de 1955	Salvador	Aracy Leonardo Pereira	Minha Madrinha	Salvador	1056
68-ALP-02-06-1955.xml	02 de junho de 1955	Salvador	Aracy Leonardo Pereira	Minha Madrinha	Salvador	382
69-ALP-04-06-1955.xml	04 de junho de 1955	sem local	Aracy Leonardo Pereira	Minha Madrinha	Salvador	271
70-ALP-13-06-1955.xml	13 de junho de 1955	Salvador	Aracy Leonardo Pereira	Minha Madrinha	Salvador	233
71-ALP-17-06-1955.xml	17 de junho de 1955	Salvador	Aracy Leonardo Pereira	Minha Madrinha	Salvador	585
72-ALP-23-06-1955.xml	23 de junho de 1955	Salvador	Aracy Leonardo Pereira	Minha Madrinha	Salvador	543
73-ALP-08-07-1955.xml	08 de julho de 1955	Salvador	Aracy Leonardo Pereira	Minha Madrinha	Salvador	863
74-ALP-16-12-1955.xml	16 de dezembro de 1955	Salvador	Aracy Leonardo Pereira	Minha Madrinha	Salvador	584
75-ALP-07-02-1956.xml	07 de fevereiro de 1956	sem local	Aracy Leonardo Pereira	Minha Madrinha	Salvador	220
76-APL-08-07-1957.xml	08 de julho de 1957	sem local	Aracy Leonardo Pereira	Minha Madrinha	Salvador	261
77-ALP-24-03-1958.xml	24 de março de 1958	Bahia	Aracy Leonardo Pereira	Minha Madrinha	Salvador	785
78-ALP-25-09.xml	25 de setembro	Santo Amaro	Aracy Leonardo Pereira	Minha Madrinha	Salvador	87
79-MLWAP-31-01-1911.xml	31 de janeiro de 1911	Bahia	Maria Luisa Wanderley de Araújo Pinho	Minha Madrinha	Santo Amaro	257
80-MLWAP-21-02-1912.xml			Maria Luisa Wanderley de			121

			Araújo Pinho			
81-MLWAP-31-07-1921.xml	31 de julho de 1921	Bahia	Maria Luisa Wanderley de Araújo Pinho	Yoyô	Santo Amaro	164
82-MLWAP-09-11-1922.xml	09 de novembro de 1922	Bahia	Maria Luisa Wanderley de Araújo Pinho	Yayá	Santo Amaro	294
83-MLWAP-30-05-1923.xml	30 de maio de 1923	Bahia	Maria Luisa Wanderley de Araújo Pinho	Querida Yayá	Santo Amaro	522
84-MLWAP-31-01-1924.xml	31 de janeiro de 1924	Bahia	Maria Luisa Wanderley de Araújo Pinho	Querida Yayá	Santo Amaro	408
85-MLWAP-05-11-1924.xml	05 de novembro de 1924	Bahia	Maria Luisa Wanderley de Araújo Pinho	Yayá	Santo Amaro	268
86-MLWAP-13-05-1918.xml	13 de maio de 1918	sem local	Maria Luiza Wanderley de Araújo Pinho	Meus Caros Filhos	Salvador	514
87-MLWAP-18-05-1918.xml	18 de maio de 1918	sem local	Maria Luiza Wanderley de Araújo Pinho	Meus Caros Filhos	Salvador	197
88-MLWAP-26-05-1918.xml	26 de maio de 1918	sem local	Maria Luiza Wanderley de Araújo Pinho	Meus Caros Filhos	Salvador	330
89-MLWAP-01-02-1919.xml	01 de fevereiro de 1919	sem local	Maria Luiza Wanderley de Araújo Pinho	Meus Caros Filhos	Salvador	241
90-MLWAP-27-03-1919.xml	27 de março de 1919	sem local	Maria Luiza Wanderley de Araújo Pinho	Meus Caros Filhos	Salvador	237
91-MLWAP-04-06-1919.xml	04 de junho de 1919	sem local	Maria Luiza Wanderley de Araújo Pinho	Meus Caros Filhos	Salvador	108
92-MLWAP-11-06-1919.xml	11 de junho de 1919	sem local	Maria Luiza Wanderley de	Meus Caros Filhos	Salvador	293

			Araújo Pinho			
93-MLWAP-03-06-1923.xml	03 de junho de 1923	sem local	Maria Luiza Wanderley de Araújo Pinho	Minha Cara Filha	Salvador	194
94-MLWAP-22-06-1923.xml	22 de junho de 1923	sem local	Maria Luiza Wanderley de Araújo Pinho	Meus caros Filhos	Salvador	346
95-MLWAP-03-11-1926.xml	3de Novembro de 1926	sem local	Maria Luiza Wanderley de Araújo Pinho	Minha Cara Filha	Salvador	333
96-MLWAP-04-05-1934.xml	04 de maio de 1926	sem local	Maria Luiza Wanderley de Araújo Pinho	Minha cara Filha	Salvador	109
97-VOV-25-03-1934.xml	25 de março de 1934	Rio de Janeiro	Virginia Ottoni Vieira	Yáyá	Rio de Janeiro	129
98-VOV-28-11-1934.xml	28 de novembro de 1934	Fazenda Mundo Novo	Virginia Ottoni Vieira	Yáyá	Rio de Janeiro	341
99-VOV-18-03-1935.xml	18 de março de 1935	Rio de Janeiro	Virginia Ottoni Vieira	Yáyá	Rio de Janeiro	256
Total:						37142

Fonte: Site CE-DOHS.

ANEXO D – INFORMAÇÕES SOBRE O ACERVO *CARTAS EM SISAL* (1906-2000)

Cota do arquivo	Data	Local	Remetente	Destinatário	Nascido(N)/Radicação(R)	Quantidade de Palavras
01-AFS-28-04-1956.xml	28 de abril de 1956.		Antonio Fortunato da Silva.	João Carneiro de Oliveira.	Fazenda Varjota, município de Riachão do Jacuípe, BA.	207
02-AFS-31-04-1962.xml	31 de Abril de 1962.		Antonio Fortunato da Silva.	João Carneiro de Oliveira.	Fazenda Varjota, município de Riachão do Jacuípe, BA.	212
03-AFS-09-07-1962.xml	9 de julho de 1962		Antonio Fortunato da Silva.	João Carneiro de Oliveira.	Fazenda Varjota, município de Riachão do Jacuípe, BA.	210
04-AFS-29-07-1962.xml	29 de julho de 1962.		Antonio Fortunato da Silva.	João Carneiro de Oliveira.	Fazenda Varjota, município de Riachão do Jacuípe, BA.	339
05-AFS-11-08-1962.xml	11 de agosto de 1962.		Antonio Fortunato da Silva.	João Carneiro de Oliveira.	Fazenda Varjota, município de Riachão do Jacuípe, BA.	168
06-AFS-16-08-1962.xml	16 de agosto de 1962.		Antonio Fortunato da Silva.	João Carneiro de Oliveira.	Fazenda Varjota, município de Riachão do Jacuípe, BA.	313
07-AFS-01-10-1962.xml	01 de outubro de 1962 .		Antonio Fortunato da Silva.	João Carneiro de Oliveira.	Fazenda Varjota, município de Riachão do Jacuípe, BA.	331
08-AFS-14-10-1962.xml	14 de outubro de 1962.		Antonio Fortunato da Silva.	João Carneiro de Oliveira.	Fazenda Varjota, município de Riachão do Jacuípe, BA.	358
09-AFS-10-12-1962.xml	10 de dezembro de 1962.		Antonio Fortunato da Silva.	João Carneiro de Oliveira.	Fazenda Varjota, município de Riachão do Jacuípe, BA.	168
10-AFS-29-12-1962.xml	29 de dezembro de 1962.		Antonio Fortunato da Silva.	João Carneiro de Oliveira.	Fazenda Varjota, município de Riachão do	180

					Jacuípe, BA.	
11-AFS-10-01-1963.xml	10 de janeiro de 1963.		Antonio Fortunato da Silva.	João Carneiro de Oliveira.	Fazenda Varjota, município de Riachão do Jacuípe, BA.	252
12-AFS-26-01-1963.xml	26 de janeiro de 1963.		Antonio Fortunato da Silva.	João Carneiro de Oliveira.	Fazenda Varjota, município de Riachão do Jacuípe, BA.	449
13-AFS-27-03-1963.xml	27 de março de 1963.		Antonio Fortunato da Silva.	João Carneiro de Oliveira.	Fazenda Varjota, município de Riachão do Jacuípe, BA.	321
14-AFS-20-07-1963.xml	20 de julho de 1963.		Antonio Fortunato da Silva.	João Carneiro de Oliveira.	Fazenda Varjota, município de Riachão do Jacuípe, BA.	270
15-AFS-20-07-1963.xml	20 de julho de 1963.		Antonio Fortunato da Silva.	João Carneiro de Oliveira.	Fazenda Varjota, município de Riachão do Jacuípe, BA.	218
16-AFS-20-07-1963.xml	20 de julho de 1963.		Antonio Fortunato da Silva.	João Carneiro de Oliveira.	Fazenda Varjota, município de Riachão do Jacuípe, BA.	221
17-AFS-27-07-1963.xml	27 de julho de 1963.		Antonio Fortunato da Silva.	João Carneiro de Oliveira.	Fazenda Varjota, município de Riachão do Jacuípe, BA.	320
18-AFS-20-00-1963.xml	20 de 1963.		Antonio Fortunato da Silva.	João Carneiro de Oliveira.	Fazenda Varjota, município de Riachão do Jacuípe, BA.	179
19-AFS-03-03-1965.xml	03 de março de 1965.		Antonio Fortunato da Silva.	João Carneiro de Oliveira.	Fazenda Varjota, município de Riachão do Jacuípe, BA.	219
20-AFS-28-10-19.xml	28 de outubro de 19[.]		Antonio Fortunato da Silva.	João Carneiro de Oliveira.	Fazenda Varjota, município de Riachão do Jacuípe, BA.	189
21-AFS.xml	Sem data.		Antonio Fortunato da Silva.	João Carneiro de Oliveira.	Fazenda Varjota, município de Riachão do Jacuípe, BA.	205
22-AFS.xml	Sem data.		Antonio Fortunato da Silva.	João Carneiro de Oliveira.	Fazenda Varjota, município de Riachão do Jacuípe, BA.	164
23-AFS.xml	Sem data.		Antonio Fortunato da Silva.	João Carneiro de Oliveira.	Fazenda Varjota, município de Riachão do	286

					Jacuípe, BA.	
24-AFS.xml	Sem data.		Antonio Fortunato da Silva.	João Carneiro de Oliveira.	Fazenda Varjota, município de Riachão do Jacuípe, BA.	151
25-AFS.xml	Sem data.		Antonio Fortunato da Silva.	João Carneiro de Oliveira.	Fazenda Varjota, município de Riachão do Jacuípe, BA.	234
26-FJO-21-12-1951.xml	21 de dezembro de 1951.		Fernando José de Oliveira.	João Carneiro de Oliveira.	Riachão do Jacuípe (zona rural), BA.	136
27-GOR-25-02-1955.xml	25 de 2 ... 1955.		Gildasio de Oliveira Rios	João Carneiro de Oliveira.	Conceição do Coité, BA.	148
28-GOR-23-04-1955.xml	23 de abril de 1955.		Gildasio de Oliveira Rios.	João Carneiro de Oliveira.	Conceição do Coité, BA.	197
29-GOR-21-11-1959.xml	21 de novembro 1959.		Gildasio de Oliveira Rios	João Carneiro de Oliveira.	Conceição do Coité, BA.	210
30-JOM-03-12-1973.xml	03 de dezembro de 1973.		Jacob de O. Matos.	João Carneiro de Oliveira.	Fazenda Mamona, Riachão do Jacuípe, BA	153
31-JCO-23-03-1963.xml	23 de março de 1963.		Jezuino Carneiro de Oliveira.	João Carneiro de Oliveira.	Fazenda Morrinho, Riachão do Jacuípe, BA	218
32-LFO-10-09-1963.xml	10 de setembro de 1963.		Lázaro Félix de Oliveira.	João Carneiro de Oliveira.	Fazenda Morrinho, Riachão do Jacuípe, BA	125
33-MCO-21-03-1955.xml	21 de março de 1955.		Manoel Carneiro de Oliveira	João Carneiro de Oliveira.	Fazenda Pau de Colher, Riachão do Jacuípe, BA.	114
34-MCO-25-03-1963.xml	25 de março de 1963.		Manoel Carneiro Oliveira.	João Carneiro de Oliveira.	Fazenda Pau de Colher, Riachão do Jacuípe, BA.	100
35-MCO-22-12-1967.xml	22 de dezembro de 1967.		Manoel Carneiro de Oliveira.	João Carneiro de Oliveira.	Fazenda Pau de Colher, Riachão do Jacuípe, BA.	123
36-MC-25-02-1955.xml	25 de 2 – 1955.		Mariazinha Carneiro de Oliveira.	João Carneiro de Oliveira.	Fazenda Pau de Colher, Riachão do Jacuípe, BA.	283
37-MC-09-04-1955.xml	09 de abril de 1955.		Maria Carneiro de Oliveira (Mariazinha Carneiro de Oliveira).	João Carneiro de Oliveira.	Fazenda Pau de Colher, Riachão do Jacuípe, BA.	282
38-NIN.xml	Sem data.		Francisca (Nina).	João Carneiro de Oliveira.	Fazenda Morrinho, Riachão do Jacuípe, BA.	211
39-RCO-28-01.xml	28 de janeiro de 19[.]8.		Roque Carneiro de Oliveira.	João Carneiro de Oliveira.	Fazenda Morrinho, Riachão do Jacuípe, BA.	110
40-SFS-02-09-1955.xml	02 de setembro de <1955>.		Salomão Fortunato da Silva.	João Carneiro de Oliveira.	Fazenda Varjota, município de Riachão do	283

					Jacuípe, BA.	
41-SFS-19-07-1956.xml	19 de julho de 1956.		Salomão Fortunato da Silva.	João Carneiro de Oliveira.	Fazenda Varjota, município de Riachão do Jacuípe, BA.	134
42-JPC-29-08-1956.xml	19 de julho de 1956.		Salomão Fortunato da Silva.	João Carneiro de Oliveira.	Fazenda Varjota, município de Riachão do Jacuípe, BA.	139
43-APS-24-05-1956.xml	24 de maio de 1956.		Angelica Pereira da Silva.	Almerinda Maria de Oliveira.	Fazenda Varjota, município de Riachão do Jacuípe, BA.	218
44-ACO-1975.xml	24 de maio de 1956.		Angelica Pereira da Silva.	Almerinda Maria de Oliveira.	Fazenda Varjota, município de Riachão do Jacuípe, BA.	251
45-AFS-27-04-1963.xml	27 de abril de 1963.		Antonio Fortunato da Silva	Almerinda Maria de Oliveira.	Fazenda Varjota, município de Riachão do Jacuípe, BA.	270
46-DCO.xml	Sem data.		Doralice Carneiro de Oliveira Jesus (Doralice de Oliveira).	Almerinda Maria de Oliveira.	Riachão do Jacuípe, BA.	148
47-FPS-25-05-1956.xml	25 de Maio de 1956.		Filomena Pereira Silva.	Almerinda Maria de Oliveira.	Fazenda Varjota, município de Riachão do Jacuípe, BA.	244
48-ICO-23-09-1976.xml	23 de setembro de 1976.		Iraildes Carneiro de Oliveira.	Almerinda Maria de Oliveira.	Riachão do Jacuípe, BA.	270
49-JJO.xml	Sem data.		José Joaquim de Oliveira.	Almerinda Maria de Oliveira.		90
50-MC-09-04-1955.xml	09 de abril de 1955.		Mariazinha Carneiro de Oliveira.	Almerinda Maria de Oliveira.	Fazenda Pau de Colher, Riachão do Jacuípe, BA.	197
51-NIN-07-04-1977.xml	07 de abril de 1977		Francisca (Nina).	Almerinda Maria de Oliveira.	Fazenda Morrinho, Riachão do Jacuípe, BA.	166
52-ZBO-03-03-1977.xml	03 de março de 1977.		Zenilta Bispo Oliveira.	Almerinda Maria de Oliveira.	Riachão do Jacuípe, BA.	190
53-ZSS-03-08-1970.xml	03 de agosto de 1970.		Zulmira Sampaio da Silva.	Almerinda Maria de Oliveira.	Fazenda Morrinho, Riachão do Jacuípe, BA.	215
54-AHC-18-07-1975.xml	18 de julho de 1975.		Ana Helena Cordeiro de Santana.	José Mendes de Almeida.	Fazenda Cabana, Ichu, BA.	272
55-AHC-22-10-1976.xml	22 de outubro de 1976.		Ana Helena Cordeiro de Santana.	José Mendes de Almeida.	Fazenda Cabana, Ichu, BA.	406

56-AHC-01-01-1977.xml	01 de janeiro de 1977		Ana Helena Cordeiro de Santana.	José Mendes de Almeida.	Fazenda Cabana, Ichu, BA.	209
57-AHC-6-6-1977.xml	06 de junho de 1977.		Ana Helena Cordeiro de Santana.	José Mendes de Almeida.	Fazenda Cabana, Ichu, BA.	187
58-AHC-10-07-1977.xml	10 de julho de 1977.		Ana Helena Cordeiro de Santana.	José Mendes de Almeida.	Fazenda Cabana, Ichu, BA.	131
59-AHC-24-07-1977.xml	24 de julho de 1977.		Ana Helena Cordeiro de Santana.	José Mendes de Almeida	Fazenda Cabana, Ichu, BA.	198
60-AHC-24-08-1977.xml	24 de agosto de 1977.		Ana Helena Cordeiro de Santana.	José Mendes de Almeida.	Fazenda Cabana, Ichu, BA.	158
61-AHC.xml	Sem data.		Ana Helena Cordeiro de Santana.	José Mendes de Almeida.	Fazenda Cabana, Ichu, BA.	211
62-JS-31-03.xml	31 de maio de 1977.		João dos Santos	José Mendes de Almeida.	Goiabeira, município de Conceição do Coité, BA.	283
63-ASC-10-12-1992.xml	10 de dezembro de 1992.		Ana Santana Cordeiro.	Ana Helena Cordeiro de Santana.	Fazenda Lameiro Remoaldo, município de Conceição do Coité.	187
64-JMA-21-12-1975.xml	21 de dezembro de 1975.		José Mendes de Almeida.	Ana Helena Cordeiro de Santana.	Goiabeira, Conceição do Coité, BA.	254
65-JMA-25-03-1977.xml	25 de março de 1977.		José Mendes de Almeida.	Ana Helena Cordeiro de Santana.	Goiabeira, Conceição do Coité, BA.	198
66-JMS-19-03-1906.xml	19 de Março de 1906.		Josepha Maria da Silva.	Firmina Petornilha dos Santos.	Fazenda Cachorrinha, município de Conceição do Coité, BA.	572
67-JMS-24-08-1908.xml	24 de agosto de 1908.		Josepha Maria da Silva.	Firmina Petornilha dos Santos.	Fazenda Cachorrinha, município de Conceição do Coité, BA.	573
68-JMS.xml	Sem data.		Josepha Maria da Silva (Zifinha Maria da Silva).	Firmina Petornilha dos Santos.	Fazenda Cachorrinha, município de Conceição do Coité, BA.	355
69-DCS-20-05-1977.xml	20 de maio de 1977.		Maria Bernadete Carneiro da Silva (Dete Carneiro da Silva).	Josefa Jozina da Silva	Fazenda Cachorrinha, município de Conceição do Coité, BA.	213
70-ZLS-11-09-1978.xml	11 de setembro de 1978.		Zita Lima Selva.	Josefa Jozina da Silva.	Fazenda Cipó, município de Conceição do Coité, BA.	350
71-ZLS.xml	[1978].		Zita Lima Silva.	Josefa Jozina da Silva.	Fazenda Cipó, município de Conceição do Coité, BA.	230

72-AOL.xml	Sem data.		Antonia Oliveira Lima.	Josefa Jozina da Silva.	Fazenda Cachorrinha, município de Conceição do Coité, BA.	259
73-ROM-15-01-1979.xml	15 de janeiro de 1979.		Roma.	Neraldo Lopes Pinto.	Zona rural de Conceição do Coité, BA.	190
74-ZJS-09-02-1978.xml	09 de fevereiro de 1978.		Josefa Josina da Silva Pinto (Zezete Jozina da Silva).	Neraldo Lopes Pinto.	Fazenda Cachorrinha, município de Conceição do Coité, BA.	138
75-LM-17-1994.xml	17-94.		Luciana Matos.	Maria Inês Oliveira Costa.	Fazenda Mamona, município de Riachão do Jacuípe, BA.	226
76-MMO.xml	Sem data.		Margarida Maria de Oliveira.	Maria Inês Oliveira Costa.	Fazenda Jiboia, município de Conceição do Coité, BA.	131
77-ML-12-09-1990.xml	12 de setembro de 1990.		Maria Lucia Oliveira Carneiro.	Maria Inês Oliveira Costa.	Riachão do Jacuípe, BA.	259
78-FP-22-03-1906.xml	22 de março de 1906.		Firmina Petornilha Do Santo.	Jozepha Maria da Silva.	Zona rural de Conceição do Coité - BA.	348
79-FP-21-10-1906.xml	21 de outubro de 1906.		Firmina Petornilha do Santo.	Jozepha Maria da Silva.	Zona rural de Conceição do Coité - BA.	307
80-FP-09-02-1907.xml			Firmina Petornilha do Santos.	Perola de Vasconcello.	Zona rural de Conceição do Coité - BA.	182
81-AML-15-11-1907.xml	15 de novembro de 1907.		Antonio Marcellino de Lima.	Juvenal Saturnino de Santaanna.	Zona rural de Conceição do Coité, BA.	203
82-JPC-24-11-1951.xml	24 de novembro de 1951.		João Pitanga Carneiro.	Fernando José de Oliveira.	Fazenda Pau de Colher, Riachão do Jacuípe, BA.	108
83-APC-20-06-1953.xml	20 de junho de 1953.		Antonio Pinheiro Costa.	Antonio.	Fazenda Mamona, município de Riachão do Jacuípe, BA.	162
84-MDC-09-06-1966.xml	09 de junho de 1966.		Maria Dalva Carneiro.	"Meus estimados Comadre e Compadre".	Zona rural de Conceição do Coité, BA.	416
85-RAC-03-02-1983.xml	03 de fevereiro de 1983.		Adilson Cedraz.	Dalva.	Zona rural de Riachão do Jacuípe, BA.	225
86-VAN-21-12-1995.xml	21 de dezembro de 1995.		Pedro Vando Paulino de Oliveira (Vandinho).	Regina Maria de Jesus Oliveira (Mãe).	Fazenda Pedra Branca, município de Ichu, BA.	384
87-IZA-14-02-2000.xml	14 de fevereiro de 2000.		Izaura.	Helena.	Fazenda Pau de Colher, município de Riachão do Jacuípe, BA.	198
88-JSS.xml	[1910].		João Saturnino	José Adrianno.	Zona rural de Conceição	128

			SantaAnna		do Coité, BA.	
89-IPO.xml	Sem data.		Izaque Pinheiro de Oliveira.	Tio Didi.	Fazenda Mamona, município de Riachão do Jacuípe, BA.	117
90-RAC.xml	Sem data.		Adilson Cedraz (Adilson).	Lucidalva Cordeiro Cedraz (Dalva).	Zona rural de Riachão do Jacuípe, BA.	254
91-BMO.xml	Sem data.		Bernadete Maria de Oliveira.	Elena.	Fazenda Flores, município de Conceição do Coité, BA.	189
92-AO.xml	Sem data	Fazenda Terra Vermelha	Ana de Oliveira	Zenilta Bispo de Oliveira	Riachão do Jacuípe, BA	202
93-AO.xml	Sem data	Sem local	Ana de Oliveira	Zenilta Bispo de Oliveira	Riachão do Jacuípe, BA	193
94-ACO-18-03-1975.xml	18 de março de 1975	Fazenda Amargoso	Antonio Carneiro de Oliveira	Zenilta Bispo de Oliveira	Riachão do Jacuípe, BA	183
95-ACO-16-06-1975.xml	16 de junho de 1975	Fazenda Amargoso	Antonio Carneiro de Oliveira	Zenilta Bispo de Oliveira	Riachão do Jacuípe, BA	280
96-ACO-1977.xml	1977	Fazenda Amargoso	Antonio Carneiro de Oliveira	Zenilta Bispo de Oliveira	Riachão do Jacuípe, BA	262
97-ACO-17-09-1977.xml	17 de setembro de 1977	Fazenda Amargoso	Antonio Carneiro de Oliveira	Zenilta Bispo de Oliveira	Riachão do Jacuípe, BA	172
98-ACO.xml	Sem data	Sem local	Antonio Carneiro de Oliveira	Zenilta Bispo de Oliveira	Riachão do Jacuípe, BA	382
99-DCO.xml	Sem data	Fazenda Amargoso	Doralice Carneiro de Oliveira Jesus	Zenilta Bispo de Oliveira	Riachão do Jacuípe, BA	173
100-DCO.xml	Sem data	Fazenda Amargoso	Doralice Carneiro de Oliveira	Zenilta Bispo de Oliveira	Riachão do Jacuípe, BA	205
101-DCO.xml	Sem data	Fazenda Amargoso	Doralice Carneiro Oliveira	Zenilta Bispo de Oliveira	Riachão do Jacuípe, BA	128
102-DCO.xml	Sem data	Fazenda Amargoso	Doralice Carneiro Oliveira	Zenilta Bispo de Oliveira	Riachão do Jacuípe, BA	275
103-IC.xml	Sem data	Sem local	Idelcina Carneiro de Oliveira e Oliveira	Zenilta Bispo de Oliveira	Riachão do Jacuípe, BA	366
104-IC.xml	Sem data	Sem local	Idelcina Carneiro de Oliveira e Oliveira	Zenilta Bispo de Oliveira	Riachão do Jacuípe, BA	168
105-IC.xml	Sem data	Sem local	Idelcina Carneiro de Oliveira e Oliveira	Zenilta Bispo de Oliveira	Riachão do Jacuípe, BA	158
106-MAO.xml	Sem data	Sem local	Maria dos Anjos Oliveira	Zenilta Bispo de Oliveira		278

107-NIN-29-07-1986.xml	29 de julho de 1986	Sem local	Francisca Carneiro de Oliveira	Zenilta Oliveira Bispo	Fazenda Morrinho, município de Riachão do Jacuípe, BA	211
108-NIN-10-06-1988.xml	10 de junho de 1988	Sem local	Francisca Carneiro de Oliveira	Zenilta Bispo de Oliveira	Fazenda Morrinho, município de Riachão do Jacuípe, BA	201
109-TB.xml	Sem local	Sem local	Terezinha Bispo Oliveira	Zenilta Bispo de Oliveira	Riachão do Jacuípe, BA	156
110-TB.xml	Sem data	Sem local	Terezinha Bispo Oliveira	Zenilta Bispo de Oliveira	Riachão do Jacuípe, BA	204
111-VO-11-03-1975.xml	11 de março de 1975	Fazenda Capoeira	Valdelice de Oliveira	Zenilta Bispo de Oliveira	Riachão do Jacuípe, BA	280
112-VO.xml	Sem data	Sem local	Valdelice de Oliveira	Zenilta Bispo de Oliveira	Riachão do Jacuípe, BA	299
113-VO.xml	Sem data	Sem local	Valdelice de Oliveira	Zenilta Bispo de Oliveira	Riachão do Jacuípe, BA	299
114-JL-27-11-1988.xml	27 de novembro de 1988	Fazenda Amargoso	Júlio Luiz	Antonio Carneiro de Oliveira	Riachão do Jacuípe, BA	195
115-ZBO-27-12-1975.xml	27 de dezembro de 1975	Riachão do Jacuípe	Zenilta Bispo de Oliveira	Antonio Carneiro de Oliveira	Riachão do Jacuípe, BA	174
116-ZBO-1977.xml	1977	Fazenda Queimada Nova	Zenilta Bispo de Oliveira	Antonio Carneiro de Oliveira	Riachão do Jacuípe, BA	221
117-ZBO.xml	Sem data	Sem local	Zenilta Bispo de Oliveira	Antonio Carneiro de Oliveira	Riachão do Jacuípe, BA	328
118-ZBO.xml	Sem data	Sem local	Zenilta Bispo de Oliveira	Antonio Carneiro de Oliveira	Riachão do Jacuípe, BA	381
119-ZBO.xml	Sem data	Sem local	Zenilta Bispo de Oliveira	Antonio Carneiro de Oliveira	Riachão do Jacuípe, BA	300
120-LA-1971.xml	1971	Fazenda Vassoura	Lindaura Almeida	Maria Bispo dos Santos	Riachão do Jacuípe, BA	296
121-MNO-11-03-1977.xml	11 de março de 1977	Fazenda Vitória	Maria Nailda de Oliveira	Maria Bispo dos Santos	Riachão do Jacuípe, BA	167
122-MBS.xml	Sem data	Sem local	Manoel Bispo dos Santos	Maria Bispo dos Santos	Riachão do Jacuípe, BA	288
123-ZBO-20-12-1975.xml	20 de dezembro de 1975	Fazenda Queimada Nova	Zenilta Bispo de Oliveira	Maria Bispo dos Santos	Riachão do Jacuípe, BA	413
124-ZBO-1975.xml	Sem data	Riachão do Jacuípe	Zenilta Bispo de Oliveira	Maria Bispo dos Santos	Riachão do Jacuípe, BA	418

125-ZBO.xml	Sem data	Riachão do Jacuípe	Zenilta Bispo de Oliveira	Maria Bispo dos Santos	Riachão do Jacuípe, BA	288
126-AO.xml	Sem data	Sem local	Ana de Oliveira	Manoel Bispo dos Santos	Riachão do Jacuípe, BA	144
127-ACO-1977.xml	1977	Fazenda Boa Esperança	Antonio Carneiro de Oliveira	Manoel Virgínio	Riachão do Jacuípe, BA	260
128-JO-04-1977.xml	Abril de 1977	Fazenda Queimada Nova	Joana	Luzia [Pítico]	Riachão do Jacuípe, BA	426
129-VO-1979.xml	1979	Fazenda Capoeira do Algodão	Valdelice de Oliveira	João	Riachão do Jacuípe, BA	308
130-ZBO-23-11-1972.xml	23 de novembro de 1972	Fazenda Primeira Malhada	Zenilta Bispo de Oliveira	Maria de Lurdes Barcelar	Riachão do Jacuípe, BA	409
131-ZBO.xml	Sem data	Sem local	Zenilta Bispo de Oliveira	Nei	Riachão do Jacuípe, BA	109
Total:						31000

Fonte: Site CE-DOHS.